

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

ISADORA TOMAZ BRAGA

**A Percepção de Pessoas com Deficiência Intelectual sobre as
Emoções no contexto de Residência Inclusiva**

BAURU
2021

ISADORA TOMAZ BRAGA

**A Percepção de Pessoas com Deficiência Intelectual sobre as Emoções
no contexto de Residência Inclusiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências – UNESP – Campus de Bauru, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do mestrado acadêmico, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Pereira Leite.

BAURU
2021

B813p

Braga, Isadora Tomaz

A Percepção de Pessoas com Deficiência Intelectual sobre as
Emoções no contexto de Residência Inclusiva / Isadora Tomaz Braga.

-- Bauru, 2021

85 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências, Bauru

Orientadora: Lúcia Pereira Leite

1. Emoção. 2. Deficiência Intelectual. 3. Residência Inclusiva. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ISADORA TOMAZ BRAGA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de maio do ano de 2021, às 14:00 horas, no(a) Faculdade de Ciências (UNESP/Bauru), realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ISADORA TOMAZ BRAGA, intitulada **A percepção de Pessoas com Deficiência Intelectual sobre as emoções no contexto de Residência Inclusiva**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. LUCIA PEREIRA LEITE (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Unesp, Faculdade de Ciências, Bauru, Profa. Dra. JULIANE APARECIDA DE PAULA PEREZ CAMPOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, Profa. Dra. RELMA UREL CARBONE CARNEIRO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia da Educação / Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovado . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. LUCIA PEREIRA LEITE

AGRADECIMENTOS

Sempre sonhei em poder escrever esse tópico em algo que fosse de minha produção, deste modo, me atentei aos caminhos que percorri e todos os processos que fizeram parte, para que nesse momento eu pudesse lembrar de todos que se propuseram a fazer parte deste capítulo da minha história.

De maneira singular, Jesus foi quem me acolheu, me incentivou e me acompanhou neste difícil processo de conciliar o sonho de ser pesquisadora, com trabalhos, vida pessoal e uma especialização no percurso. Em diversos momentos que pensei que não seria possível, as minhas orações sempre foram respondidas e Seu amor e Sua sabedoria me redirecionavam. Obrigada Deus, por Seus sonhos sempre serem maiores e melhores que os meus!

Agradeço aos meus pais por me apoiarem e sempre demonstrarem confiança nas minhas escolhas, obrigada pelas ligações e vídeos de incentivos, pelas orações, pelas inúmeras formas de me ajudarem a me organizar, pelos ensinamentos e por me presentear com uma vida sempre recheada de muito amor e respeito!

Meu muito obrigada à minha irmã, Isabela, por sempre acreditar no meu potencial, por ler meus textos, me oferecer ajuda e pelo cuidado e carinho desprendido no processo de produção. Você é incrível!

Ofereço também minha gratidão ao meu namorado e agora, no fim do percurso, meu noivo: Gustavo. Obrigada por me ajudar a racionalizar quando necessário, por respeitar a minha rotina de trabalho e estudo, por me amar e por me apoiar em todas as minhas decisões, todas as minhas conquistas são nossas!

Agradeço a todos que torceram, incentivaram e compreenderam este processo: minhas afetuosas amigas - próximas ou à distância; minha família querida e amada; e meus professores que me incentivaram a transformar meus sonhos em objetivos realizados.

Em especial, minha grande e querida amiga Manzu: obrigada! Sua paciência ao me ouvir, sua prontidão a me auxiliar e sua amizade para me sustentar foram e são de extrema importância na minha vida.

A minha eterna professora e amiga Tati, sua amizade e seu conhecimento me direcionam sempre para um caminho mais suave e acolhedor, obrigada por me acompanhar, mesmo de longe!

Agradeço de forma especial à minha orientadora Professora Lúcia Pereira Leite, por ter acreditado que esse trabalho pudesse prosseguir mesmo em meio à uma pandemia e por todos os seus conhecimentos compartilhados. Espero que colhemos bons frutos!

Agradeço à UNESP, por me possibilitar vivenciar um Programa de Pós Graduação de qualidade, ao GEPDI pelo auxílio na construção dos meus instrumentos, em especial aos integrantes: Tadeu e Ana Paula, por se disponibilizarem como modelos no teste baseado em fotografia, suas expressões faciais das emoções ficaram excelentes!

De maneira também especial agradeço à banca que me acompanhou tanto na qualificação quanto na defesa, os apontamentos foram muito ricos e cercados de respeito e validação pelo meu trabalho! Obrigada Professora Relma e Professora Juliane.

Agradeço à APAE – Bauru por ter aberto suas portas para minha experiência profissional e também acadêmica. Obrigada por toda confiança!

E finalmente, inundada de gratidão, ofereço meu carinho e agradecimento aos residentes queridos, que me acolheram em sua casa em meio a uma pandemia, pelo tratamento com muito respeito e comprometimento durante as entrevistas. Esse trabalho só foi possível de ser realizado pela participação de vocês. Que eu possa dar voz a todo o conteúdo que me presentearam - “Nothing about us, without us”!

“As mesmas palavras porém pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de modo diferente daquelas pronunciadas sem vida”
(Vigotski, 2004).

RESUMO

Os estudos que fazem aproximações sobre os temas emoções e deficiência intelectual estão em desenvolvimento nos últimos anos, porém ainda é bastante difícil encontrar textos que não tratem os temas de maneira segmentada. Torna-se considerável a promoção de pesquisas que possam aproximá-los tendo em vista a contribuição com o avanço da ciência para o desenvolvimento de instrumentos e intervenções que tratem de aspectos emocionais. Nesta direção, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as competências emocionais de pessoas com deficiência intelectual e como objetivos específicos: identificar as facilidades e dificuldades nas tarefas de descrição, nomeação, identificação e exemplificação das emoções; verificar a habilidade de relacionar as emoções às vivências e compreender a relação entre a identificação emocional e o contexto em que se inserem. Os participantes foram 12 homens com idades entre 20 a 57 anos, com diagnóstico de deficiência intelectual e que fazem parte de um serviço de acolhimento institucional, nomeado de Residência Inclusiva. Foram aplicados os seguintes instrumentos: teste baseado em fotografias, roteiro de entrevista semiestruturada e questionário de caracterização do participante. A análise dos dados foi realizada por meio do método da análise de conteúdo. Os resultados obtidos se referem a identificação de 53% das emoções investigadas, ou seja, os residentes identificaram e exemplificaram mais da metade das emoções apresentadas. As emoções de maior facilidade na identificação foram nesta ordem: alegria, tristeza, raiva, surpresa, medo e nojo. Em relação à descrição das experiências emocionais, todos os residentes descreveram pelo menos uma vivência de acordo com as emoções questionadas. A maior dificuldade observada foi na conceitualização da emoção, por ser compreendido como um conceito abstrato. Conclui-se que o conhecimento das pessoas com deficiência intelectual que participaram deste estudo acerca das emoções é basal, rompendo com a preconcepção generalizada das limitações da deficiência intelectual sobre a temática. Sugere-se por fim o aprimoramento de instrumentos de avaliação e intervenção para desenvolvimento das competências emocionais deste público.

Palavras-Chave: Emoção. Deficiência Intelectual. Residência Inclusiva.

ABSTRACT

Studies that make approximations on the themes of emotions and intellectual disability have been under development in recent years, but it is still quite difficult to find texts that do not address the topics in a segmented way. The promotion of research that can bring them closer together in order to contribute to the advancement of science for the development of instruments and interventions that deal with emotional aspects becomes considerable. In this sense, this research had as its general objective to analyze the emotional competences of people with intellectual disabilities and as specific objectives: to identify the facilities and difficulties in the tasks of description, naming, identification and exemplification of emotions; verify the ability to relate emotions to experiences and understand the relationship between emotional identification and the context in which they are inserted. The participants were 12 men aged between 20 and 57 years old, diagnosed with intellectual disabilities and who are part of an institutional reception service, named Inclusive Residence. The following instruments were applied: test based on photographs, semi-structured interview script and questionnaire to characterize the participant. Data analysis was performed using the content analysis method. The results obtained refer to the identification of 53% of the investigated emotions, that is, the residents identified and exemplified more than half of the emotions presented. The most easily identified emotions were in this order: joy, sadness, anger, surprise, fear and disgust. Regarding the description of emotional experiences, all residents described at least one experience according to the emotions questioned. The greatest difficulty observed was in conceptualizing emotion, as it is understood as an abstract concept. Concludes that the knowledge of people with intellectual disabilities who participated in this study about emotions is basal, breaking with the generalized preconception of the limitations of intellectual disabilities on the subject. Finally, it is suggested the improvement of assessment and intervention instruments for the development of this audience's emotional skills.

Keywords: Emotion. Intellectual Disability. Inclusive Residence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos participantes	27
Quadro 2: Distribuição das questões distribuídas por eixos temáticos	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias do Eixo 1 - Definição de emoção	37
Tabela 2: Categorias do Eixo 2 – Nomeação de Emoções	40
Tabela 3: Categorias do Eixo 3 – Identificação das Emoções	42
Tabela 4: Unidades de Resposta por Emoções	43
Tabela 5: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Tristeza	44
Tabela 6: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Tristeza	44
Tabela 7: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino e feminino: Alegria	45
Tabela 8: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Raiva	46
Tabela 9: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Raiva	46
Tabela 10: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Medo	47
Tabela 11: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Medo	47
Tabela 12: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Nojo	48
Tabela 13: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Nojo	48
Tabela 14: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Surpresa	49
Tabela 15: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Surpresa.....	49
Tabela 16: Definições das Subcategorias – Eixo 4	51
Tabela 17: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Tristeza	52
Tabela 18: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Alegria	54
Tabela 19: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Raiva.....	56
Tabela 20: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Medo.....	58
Tabela 21: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Nojo	60
Tabela 22: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Surpresa	61

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – DOS TEMAS ABORDADOS	12
1.1 Emoções	12
1.2 Deficiência Intelectual	16
1.3 Residência Inclusiva	19
1.4 Desenvolvimento Humano na Teoria Histórico-Cultural	22
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO	24
2.1 Local	24
2.2 Procedimentos Éticos	25
2.3 Instrumentos para Coleta de Dados	25
2.4 Participantes	27
2.5 Procedimentos de Coleta de Dados	30
2.6 Procedimentos para Análise de Dados	32
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
Eixo 1: Definição de Emoção	37
Eixo 2: Nomeação de Emoções	40
Eixo 3: Identificação das Emoções	42
Eixo 4: Descrição das Experiências Emocionais	51
CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	72
APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	73
APÊNDICE C – Questionário de Caracterização dos Participantes	74
APÊNDICE D – Teste Baseado em Fotografias Emocionais	75
APÊNDICE E – Roteiro para Entrevista	77
APÊNDICE F – Análise de Conteúdo - Tabulação das Respostas	78

APRESENTAÇÃO

Lembro que ainda morava em Curitiba, por volta de 2002, estudava em uma escola municipal e nos meus intervalos tínhamos contato durante os recreios, com os alunos da “Sala Especial”. Essa sala de aula tinha somente alunos com deficiências, porém com idades distintas, visto que me lembro que tinham crianças e adolescentes na mesma classe.

Uma das meninas da “Sala Especial” era a Ana, ela tinha Síndrome de Down e eu amava dividir a minha hora tão esperada, das brincadeiras, com ela. Um dia a Ana me bateu no meio de uma brincadeira, sem explicações. Eu, uma criança de sete anos de idade, fiquei muito chateada e parei de brincar com ela naquele dia. Chegando em casa comentei com a minha mãe o ocorrido e ela com toda a paciência (e mesmo sem um conhecimento específico sobre a síndrome) me explicou que talvez o funcionamento dela fosse um pouco diferente do meu e que eu deveria explicar para ela que eu não gostaria de receber outro tapa novamente. E foi assim que eu fiz.

Talvez a explicação tão natural da minha mãe, fizesse com que eu tivesse uma visão não tão distorcida sobre a deficiência, embora ainda ficava com medo quando via uma criança cadeirante que se comunicava com gritos. E minha mãe sempre com muito cuidado me explicava as diferenças que existiam no mundo e a importância em respeitá-las.

Depois dessas experiências, quando me mudei para Osasco, estudei em um colégio particular e não tive mais contato direto com pessoas com deficiência na escola. Comecei a ter contato com amigos dos meus pais que tinham algumas deficiências físicas decorrentes de acidentes e/ou de paralisia infantil. E o comportamento do meu pai, também de naturalidade com os amigos e funcionários com deficiências, foi um modelo muito precioso para minha vida.

O mesmo ocorreu quando me mudei para o interior de São Paulo, o contato com a deficiência foi se restringindo conforme a minha rotina escolar se intensificava.

Foi então, que no segundo ano do Ensino Médio, minha professora de Língua Portuguesa e Redação, que fazia um trabalho sensacional de conscientização do mundo e concomitantemente de orientação vocacional, levou a nossa classe para uma visita à APAE da cidade que residia na época. Fiquei muito animada com a possibilidade de entrar naquele local que parecia tão distante de mim.

Me lembro até hoje na visita, em que as professoras da instituição iam mostrando a forma de trabalho delas enquanto os alunos mostravam suas atividades. O foco de atendimento era voltado para qualidade de vida e preparação profissional. Anos atrás encontrei essa minha

professora que me disse: “Isadora, nunca vou esquecer você me dizendo que não queria ir embora da visita”.

Após concluir o ensino médio, já havia me decidido que iria para a Psicologia. No meu segundo ano de faculdade, emergiu um desejo de fazer trabalho voluntário, então comecei a fazer visitas nas instituições da cidade e, ao voltar na APAE, me deparei com uma das melhores pessoas que já conheci, a Diusa, que tinha o cargo de coordenadora pedagógica, autora de um livro lindo e pessoa com deficiência física.

Ela foi quem mais me ensinou sobre a deficiência e sobre ser deficiente e foi ela também que abriu portas para o meu estágio voluntário na instituição. Foram dois anos de desenvolvimento na área de estimulação infantil e alfabetização.

Com outras oportunidades que surgiram, fui para a área de recursos humanos e, após a minha gestora (outro ser humano incrível) saber do meu interesse em deficiência, me deixou como responsável pelo processo seletivo de pessoas com deficiência para a organização. Tempos difíceis...os demais gestores não aceitavam colocar em seu time pessoas com deficiências consideradas moderadas... “Será que tem alguém com pouca coisa?”, “Tem mesmo esse negócio de cotas?”

Assim que me formei, me candidatei à vaga para a APAE da cidade em que estava morando. E foi assim que mais uma vez me aproximei com o contexto da deficiência.

Entre na Escola de Educação Especial, como Psicóloga Escolar, um grande desafio que me proporcionou a pergunta de pesquisa dessa dissertação. Essa experiência me aproximou do interesse na área de pesquisa, pois comecei a perceber o quanto os alunos se desregulavam emocionalmente e, o quanto eles tinham dificuldades em nomear o que sentiam.

A Escola de Educação Especial era dividida em classes com uma média de 10 alunos cada, totalizando 24 turmas, que eram separadas em Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos - EJA. Os atendimentos da Psicologia eram planejados para ocorrer em conjunto com as professoras e em formato grupal.

Na prática, muitas turmas começaram a ficar sem acompanhamentos semanais da área da Psicologia por conta de intercorrências comportamentais de alguns alunos. Como eu era a profissional da área responsável pela escola tanto no período da manhã, quanto da tarde, eu quem acompanhava e tinha que dar o suporte para as professoras e cuidadoras.

As intercorrências que ocorriam com os alunos tinham significativas interferências na rotina escolar dos mesmos e também dos colegas de classe, visto que por diversas vezes o professor tinha que readaptar seus objetivos e planejamentos do dia para mediar as relações

entre os alunos e diminuir os comportamentos que não seriam seguros para o ambiente e para o próprio aluno.

O que eu pude notar durante a minha atuação foi que, durante as intervenções que eu realizava, por muitas vezes os alunos não conseguiam expressar como estavam se sentindo, ou então relatar as possíveis situações que antecederam aquele comportamento. Alguns não conseguiam por comprometimentos no comportamento verbal, mas a grande maioria era em decorrência da falta de educação emocional.

Essa inferência foi possível de ser realizada pois, após as alterações comportamentais dos alunos (auto e heteroagressão, estereotípias, gritos, etc.), eu tentava realizar um momento de diálogo com os mesmos, para tentar entender e fazê-los entender a função de alguns comportamentos. E na grande maioria das vezes, por meio de questionamentos, os alunos conseguiam expressar o que estava acontecendo, situações que tinham causado raiva, tristeza e até mesmo euforia.

Havia situações em que essas alterações no comportamento eram em decorrência de dores, de tensão pré-menstrual, brigas em casa, discussões com amigos, entre outras, ou seja, tinham possibilidades de intervenções mais efetivas se conseguíssemos agir com prevenção. Mas como seria possível a prevenção se os alunos não sabiam se expressar?

Então comecei a realizar intervenções com os alunos com foco na nomeação das emoções por meio das experiências no ambiente escolar, a grande maioria apresentava dificuldades por não terem vivenciado ambientes que estimulassem sua competência emocional. Desta forma, surgiu o questionamento: “como pessoas com deficiência intelectual identificam emoções?”

Como a coleta de dados do presente trabalho foi realizada durante a pandemia da COVID-19, foi necessário realizar adaptações no público alvo, visto que a ideia inicial era aplicar a pesquisa em pessoas com deficiência intelectual que faziam parte de um programa de educação profissional da própria instituição. Porém, com o início da pandemia, todos os serviços de educação foram adaptados para o formato virtual, impossibilitando a realização presencial da pesquisa.

Deste modo, para que a pesquisa pudesse dar continuidade, lembramos das Residências Inclusivas, que também são dirigidas pela mesma instituição, assim como a grande maioria dos residentes já havia feito parte da Escola de Educação Especial e ainda, os critérios para obtenção do diagnóstico de deficiência intelectual eram seguidos. Outro fator que contribuiu para a mudança do ambiente, foi que após fazer pesquisas sobre Residência Inclusiva, verificou-se

pouca produção científica com foco nos residentes, como será apresentado na introdução do trabalho.

A grande maioria dos homens que mora na residência inclusiva masculina já estudou em Escolas de Educação Especial e hoje faz parte do mercado de trabalho. Desta forma, o ambiente da Residência seria uma oportunidade de entrar em contato com pessoas com deficiência intelectual que vivenciaram a maior parte de suas vidas longe de suas famílias biológicas, que tiveram que se adaptar a diversos ambientes para residir, como também para estudar e trabalhar. Como as emoções estiveram presentes nesses momentos?

Foram diversos questionamentos, porém o foco escolhido para a presente pesquisa foi analisar se moradores de uma residência inclusiva masculina conseguiam identificar emoções por meio de fotografias e se descreviam relatos de experiências de acordo com as emoções demonstradas.

INTRODUÇÃO

A Psicologia, enquanto ciência, volta-se para o atendimento às pessoas com deficiência, tendo como objetivo compreender as especificidades humanas, ofertando instrumentos, técnicas e conhecimentos para tal segmento, bem como, aos pais, educadores e a comunidade em geral.

Para Vigotski (2001, 2003), o desenvolvimento humano é considerado como um processo construído pelo próprio homem, sem predeterminações, ou seja, o sujeito se relaciona mutuamente com o seu ambiente de forma com que os seus aspectos biológicos e culturais constituam as funções psicológicas superiores, encontradas somente no ser humano.

Desta forma, a deficiência é entendida como uma das possibilidades existentes no desenvolvimento humano, visto que mediante o desenvolvimento considerado típico há diferenças quantitativas e qualitativas. Então, a pessoa com deficiência é considerada um sujeito autônomo permeado por fatores sociais, culturais e históricos. (VIGOTSKI, 2001).

Aranha (1995) explica que no processo de inserção da deficiência no campo científico, houve expansão na forma de compreensão da mesma ao considerar os fatores físicos, sensoriais, sociais, psicológicos e intelectuais, visto que, a relação da deficiência com incapacidade estava estabelecida.

Pautado nos estudos de Vigotski (1997) observa-se que o autor fundamenta sua percepção direcionada às potencialidades preservadas no sujeito e não somente nas incapacidades ou limitações. Antes, os estudos acerca deficiência intelectual enfatizavam os déficits e limitavam a personalidade do sujeito ao seu diagnóstico. E, assumindo uma visão pautada somente nas funções intelectuais ou acadêmicas, toda a gama de funções psicológicas superiores poderia estar suprimida, afetando ainda a estimulação e desenvolvimento das mesmas nas pessoas com deficiência intelectual.

Seguindo os conceitos apresentados pelo autor, tem-se que as emoções fazem parte das funções psicológicas superiores e objetivam agir como organizadoras internas das reações humanas, assumindo influências e mudanças significativas no comportamento humano em determinados contextos. (VIGOTSKI, 2001).

Em relação a esta pesquisa, os participantes são adultos com deficiência intelectual que residem em uma Residência Inclusiva, local que oferece atendimento a jovens e adultos com deficiência que estão em situação de vulnerabilidade, ou seja, que não possuem resguardo familiar, condições de sustento independente e que estejam em situação de dependência. Sendo, portanto, o objetivo principal da residência fazer com que pessoas nessas condições possam

pertencer ao convívio comunitário, ter rede de apoio para seu desenvolvimento e, com isso, visa cessar as práticas de isolamento. (BRASIL - MDS, 2014).

Ressalta-se, portanto, a necessidade de avaliar e compreender a forma com que pessoas com deficiência intelectual no contexto de uma residência inclusiva, compreendem e expressam suas emoções, tendo em vista a importância deste comportamento para a concretização de sua participação social e reconhecimento de direitos, corroborando para a possibilidade de alcançarmos a prática da inclusão social.

Com a intenção de colaborar com a participação ativa e inclusiva de pessoas com deficiência intelectual, corroborando com o lema “Nada sobre nós, sem nós”, apresentado na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência pela ONU em 2006, essa pesquisa visa incluir a percepção da pessoa com deficiência acerca de seus aspectos emocionais.

Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as habilidades emocionais de pessoas com deficiência intelectual moradores de uma residência inclusiva. Como objetivos específicos tem-se: identificar as facilidades e dificuldades nas tarefas apresentadas, verificar a habilidade de relacionar emoção e vivências e compreender qual a relação entre a identificação emocional e os contextos que participam.

O primeiro capítulo do estudo apresentará alguns apontamentos bibliográficos sobre a temática, iniciando com uma revisão sobre as Emoções, seguido com explicações do desenvolvimento da Deficiência Intelectual, seguida da compreensão sobre a Residência Inclusiva e os estudos encontrados, finalizado com a discussão do aporte teórico que nos permitiu desenvolver esse trabalho, a Teoria Histórico-Cultural.

O capítulo 2 mostrará o Percorso Metodológico da pesquisa, apresentando o local, os procedimentos éticos, as etapas da elaboração dos instrumentos para a coleta de dados, quem foram os participantes, os procedimentos da pesquisa desde a chegada ao local até a realização da coleta de dados e a descrição dos procedimentos da análise dos dados.

Os resultados obtidos com a coleta de dados e concomitante a discussão teórica desses dados, momento em que serão demonstrados todos os eixos de análise conforme os objetivos da pesquisa, constarão no capítulo 3.

Por fim, na Conclusão será exposto se as hipóteses e objetivos do trabalho foram alcançados, as limitações do estudo e as possibilidades de investigação e intervenção para futuras pesquisas com eixos temáticos semelhantes.

CAPÍTULO 1 – DOS TEMAS ABORDADOS

1.1 EMOÇÕES

O estudo das emoções se iniciou a partir das ideias de James (1890), que afirmava que as emoções estavam relacionadas a respostas viscerais dos seres humanos, ou seja, inicialmente ocorria a percepção do estímulo, a resposta do organismo e a percepção dos comportamentos fisiológicos. Com a utilização de trabalhos de outro autor, surgiu o modelo James-Lange, em que somente os comportamentos observáveis poderiam ser considerados, ou seja, as reações orgânicas como a base das emoções, sendo ainda tais ideias fortalecidas pelo behaviorismo, em que as emoções seriam respostas fisiológicas eliciadas por estímulos externos. (CANNON, 1927; SKINNER, 2003).

Em relação à teoria evolucionista de Darwin (1871), partia do pressuposto de que as leis naturais são pautadas no mecanismo de seleção natural, refletindo no processo evolutivo das espécies. Sobre as emoções, o autor focou seus estudos nas expressões faciais e suas relações com os estados emocionais, seu aparecimento nos homens e animais e na diferenciação das emoções inatas e adquiridas. Desta forma, concluiu que as principais emoções são inatas e herdadas no processo de evolução e adequadas no repertório de cada espécie, sendo exemplificado nos casos de crianças que nasciam cegas e que apresentavam expressões de estados emocionais com similaridade nas expressões faciais presentes em diferentes culturas – por exemplo: alegria expressada pelo sorriso.

De forma complementar, Wallon (1955) expressa que a emoção tem caráter social por ser a primeira forma interacional entre os seres humanos, como na relação mãe e filho, sendo, portanto, um fator que demonstra o homem como um ser biopsicossocial. Partindo deste princípio, a percepção emocional pode ser compreendida como a expressão e identificação de sentimentos, bem como a discriminação de diferentes emoções. (CARUSO et al, 2002).

Segundo o neurocientista Damásio (2003), emoções são respostas neurais e químicas do organismo que tem como objetivo corroborar para a conservação da vida, pois influenciam nos processos de cognição, percepção e ação. São consideradas emoções primárias: medo, raiva, nojo, alegria, tristeza e surpresa.

Conforme exposto, o histórico das emoções foi pautado por incertezas e se relacionam com o processo do homem em se tornar sujeito, visto que as diversas formas de definir ao aspectos emocionais, se relacionam igualmente com importantes dicotomias: corpo-mente, interno-externo, razão-emoção.

As ideias de Vigotski surgem nas primeiras décadas do século 20, momento em que as discussões sobre a função da Psicologia enquanto ciência e temas adjacentes ecoavam fortemente e estavam em franca análise pelos pesquisadores, sendo que a crise teórico-metodológica era tida como o ponto principal para a superação do dualismo cartesiano, sugerindo então uma abordagem dialética. (MAGLIORINO, 2010).

De acordo com os estudos publicados por Vigotski, as emoções são consideradas um dos processos mentais superiores não podendo ser analisadas de forma singular, visto que de acordo com as interações sociais, as reações emocionais biológicas e mecanicistas se modificam e tornam-se parte constituinte da subjetividade do sujeito. (TASSONI & LEITE, 2011).

Vigotski (2001) ressalta ainda que, as emoções influenciam o comportamento humano dependendo da forma e do momento com que é despertada, visto que há dois grupos de emoções: referentes a aspectos positivos e/ou negativos, havendo total relação entre a vivência do sujeito. Então, até mesmo as expressões físicas das emoções são determinadas e convencionadas socialmente. (MACHADO, FACCI & BARROCO, 2011).

Desta forma, a emoção não é somente biológica, mas também cultural, histórica e subjetiva. Vigotski argumenta que as emoções são desenvolvidas na história e pela cultura do desenvolvimento humano, constituindo seu valor de acordo com as relações sociais por meio da linguagem e dos processos de significação. (MAGLIORINO, 2010).

Na vida social há grande necessidade que haja o reconhecimento de expressão das emoções, de forma com que possa ser possível realizar melhor leitura do ambiente, para dar respostas adequadas, evitar conflitos e regular as próprias emoções, visto que, quando há déficit nesse reconhecimento, há prejuízos nas habilidades sociais/ questões psicossociais. (MCCADE, 2013).

A identificação e expressividade emocional tem importante fator social, uma vez que estas habilidades podem ajudar o indivíduo a manejar desafios, ter estratégias para resolução de problemas, atingir objetivos propostos, responder às demandas sociais e manter interações sociais. (BUCKLEY et al., 2003).

O nível de competências emocionais é compreendido pela identificação de estados emocionais que ocorre por meio da exposição de experiências, relação de estados emocionais com situações sociais e identificação de emoções em situações em que não é descrito o contexto completo. Essas habilidades auxiliam nas relações sociais, visto que quanto maior estímulo em relação à comunicação dessas questões, melhor será a compreensão e regulação das emoções. (CARUSO et al, 2002; IZARD et al., 2001; STONE & LAGRECA, 1983).

Portanto, para que um indivíduo seja considerado hábil socialmente é necessário que haja desenvolvimento e compreensão de componentes da comunicação não verbal, como o reconhecimento e regulação de expressões faciais, corporais, contato visual, gestualidades humanas e associação de pensamentos e ações (CASTANHO, MOITREL, SEVERIANO, & RIBEIRO, 2003; DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2009).

Deste modo, as emoções são consideradas inicialmente estados fisiológicos, construídas e compartilhadas socialmente e, que quando desenvolvidas e mantidas são nomeadas de sentimentos, considerados como “lugar de cultivo das emoções”. (MAGLIORINO, 2010).

Pelas intenções desta pesquisa, serão consideradas as emoções nomeadas como primárias, destacadas na sequência.

A emoção alegria ocorre por meio do ganho de algo que possua valor para o sujeito, influenciando na sensação de satisfação, bem-estar e interação positiva com o ambiente.(FREDRICKSON, 1998; PLUTCHIK, 2002; GALATI ET AL., 2006) A tristeza é a emoção relacionada a situações de perdas, em que haja relações de valores pessoais, sendo considerada uma das emoções mais duradouras, podendo incluir a angústia como correspondente. (EKMAN & CORDARO, 2011; PLUTCHIK, 2002).

Quando ocorrem frustrações por razão de interferências em planejamentos ou ideais, a emoção gerada possui uma tendência de proteção por meio de ataques que evitem as possibilidades de prejuízo, nomeia-se essa emoção de raiva. (EKMAN & CORDARO, 2011; GALATI ET AL., 2001; PLUTCHIK, 2002).

Já o medo surge a partir de eventos considerados ameaçadores e que acionam incertezas e falta de controle, procedendo a comportamentos de fuga com objetivo de buscar proteção e segurança. (EKMAN & CORDARO, 2011; PLUTCHIK, 2002).

A surpresa é considerada uma das emoções mais breves, visto que sua duração é de alguns segundos, ela é causada por eventos imprevisíveis, ocorrendo a suspensão de estímulos com objetivo de reorientar o sujeito. Pelo fato de ela ter uma curta duração, há possibilidade de associação a outras emoções positivas ou negativas, dependendo do evento ocorrido. (EKMAN & CORDARO, 2011; GALATI ET AL., 2006; PLUTCHIK, 2002).

E por fim, o nojo, relacionado muitas vezes a aversão, é uma emoção que está associada a experiências ou objetos indesejáveis e que causam repulsa, visto que o comportamento associado é a necessidade de fuga do ambiente ou retirada dos objetos. (BERLE, 2007; PLUTCHIK, 2002).

Conforme exposto, as emoções possuem um importante papel no desenvolvimento humano, visto que elas colaboram para que haja adaptação nas experiências da vida e, quanto

melhor as pessoas conseguirem buscarem pela compreensão do fenômeno das emoções pessoais e de outrem, maiores serão as possibilidades de vivenciar qualidade de vida por meio de relações sociais mais saudáveis e participar mais ativamente das distintas esferas sociais. (REEVE, 2006; EKMAN, 2011).

Então, como as emoções são consideradas um processo com matrizes biológicas e sociais, a habilidade de conhecer e identificar expressões emocionais é complexa e significativa, visto que possibilita a evolução da consciência e das relações sociais. (IZARD et al., 2001).

Partindo deste princípio, Vigotski (1935 apud TOASSA, 2009) se refere às temáticas da deficiência intelectual e das emoções mediante as relações dadas entre o afeto e o intelecto, valorizando estudos que abordem esta relação.

Conforme a revisão realizada por De Souza e Barbato (2017), na qual analisaram 16 anos de produção brasileira sobre deficiência intelectual, os autores apontam que foram poucos os trabalhos que visam a compreensão de aspectos emocionais com esse público, visto que a grande maioria destes não são de pesquisas empíricas, ou seja, não obtendo a participação direta da pessoa com deficiência.

Os estudos encontrados apontam déficits nas habilidades emocionais, como é o caso dos estudos de Scotland, Cossar e Mckenzie (2015) e de Scotland et al. (2016) que expuseram adultos com deficiência intelectual para identificar emoções por meio de apresentação recursos visuais representando emoções em diferentes modelos – com fotos humanas com fundo neutro, desenhos, fotos humanas com fundo original – e, tiveram como resultado comprometimentos em algumas tarefas relacionadas ao reconhecimento de emoções. Porém, quanto mais informações contextuais eram apresentadas aos participantes, melhor ocorria a identificação das emoções.

De maneira semelhante, outros estudos tiveram como objetivo compreender as competências emocionais de adultos com deficiência intelectual e houve menor precisão nos reconhecimentos de emoções quando comparado com outros sujeitos, como pessoas sem deficiência intelectual transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e pessoas com deficiência auditiva (PREDESCU, 2020; MURRAY, 2019; MCKENZIE et al, 2001; MATHESON e JAHODA, 2005 e MOORE, 2001; STONE e LAGRECA, 1983).

É oportuno dizer que, entender a deficiência como limitante fortalece o comportamento de não oferecer acesso a participação social, de desenvolvimento de habilidades emocionais, acadêmicas, entre outros, reforçando deste modo a exclusão social. (BUTAFAVA, 2020). No entanto, família, escola, trabalho, instituições e a comunidade são considerados ambientes essenciais para o desenvolvimento e inclusão de pessoas com deficiência intelectual, por

representarem importantes redes de apoio para o desenvolvimento pessoal (DALLABRIDA, 2007; NEVES-SILVA ET AL., 2015; ROSA & DENARI, 2013).

1.2 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Segundo a OMS (2004) existem dois principais modelos de compreensão da deficiência, sendo eles: o modelo médico, que estabelece a incapacidade como uma consequência advinda da patologia e intrínseco à pessoa, e o modelo social, que concebe a incapacidade como uma questão social que afeta a funcionalidade do sujeito, bem como a realização das suas atividades e participação social, não considerando como algo inerente ao sujeito e sim, uma condição social que visa reorganizações ambientais para promoção de inclusão social plena.

Há prevalência do modelo médico no contexto brasileiro, decorrente das definições propostas pela CID 10 - Classificação Internacional de Doenças (OMS, 1993) e DSM -V - Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (APA, 2014), em vista disso, a pessoa com deficiência nem sempre é inserida socialmente de forma inclusiva.

Com o objetivo de ampliar a concepção da funcionalidade e incapacidade, a Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - CIF (OMS, 2004) buscou considerar na definição da condição de deficiência tanto os aspectos biológicos, como os psicológicos e sociais, determinados por questões de saúde e doença, bem como os contextos físicos e sociais. (FARIAS; BUCHALLA, 2005).

A abordagem proposta pela CIF, aponta para um modelo biopsicossocial, surge com objetivo de integrar as duas perspectivas da deficiência, da visão médica e da social. Deste modo, o foco na incapacidade, doença e desvantagem social de maneira individualizada é contraposto por este novo modelo considerar as dimensões biológica, patológica, contexto do sujeito e a dimensão do desempenho e capacidade (ARAUJO, 2013).

Ao se considerar a perspectiva do modelo biomédico, os pressupostos epistemológicos seriam explicados de forma objetiva e causal, já, o modelo biopsicossocial nos apresenta perspectivas multidimensionais e multidirecionais, superando a compreensão por meios causais para perspectivas ampliadas e não lineares. (JARDIM e JARDIM, 2020).

Considera-se, portanto, a incapacidade como não sendo inerente ao sujeito, mas sim uma ocasião que pode ocorrer de acordo com as respostas de interação do sujeito ao ambiente. Sendo que, em momentos em que há a identificação de incapacidades geradas por falta de acesso ou outras limitações, os esclarecimentos devem ocorrer por meio de políticas públicas que busquem práticas inclusivas (ARAUJO, 2013 e SILVA, 2019).

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada pelo Brasil em 2008 como emenda constitucional, seguiram o modelo social da deficiência e teve como objetivo o fortalecimento dos direitos das pessoas com deficiência, de forma com que fosse garantida as condições de autonomia igualdade e dignidade, reconhecendo ainda que, as influências das barreiras sociais na promoção da inclusão. (BRASIL, 2009).

No percurso de busca pela inclusão das pessoas com deficiência, outro importante momento no Brasil foi a instituição do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite, que articulou políticas que se referiam ao acesso à educação, inclusão social, atenção à saúde e acessibilidade. (BRASIL, 2011).

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) - Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015 - unificou o conceito de deficiência já discutido na Convenção, a superação da visão biologicista do termo, e objetivou criar formas de promover uma cultura inclusiva que assegurasse o exercício do direito constitucional das pessoas com deficiência. A LBI traz importantes avanços para a proteção de direitos nos âmbitos da educação, saúde, trabalho, por exemplo, com vistas à autonomia dos sujeitos. Deste modo, a LBI considera os impedimentos de longo prazo tanto de natureza física, sensorial, intelectual ou mental causados por barreiras na interação que limitem a participação efetiva e igualitária na sociedade, como pessoa com deficiência. (BRASIL, 2015).

Em relação aos tipos de deficiência, é possível dividir em três classes, sendo elas: física, sensorial e intelectual, havendo em cada, um conjunto de fatores específicos como as condições da própria deficiência, a estruturação biológica e subjetiva do sujeito, como também as questões ambientais e culturais. (NUERNBERG, 2008).

Na CID 10 (OMS, 1993), é possível verificar o modelo médico, visto que a deficiência intelectual ainda é corresponde ao termo retardo mental, e tem como critério diagnóstico a pontuação do quociente de inteligência (QI), o seu sistema de classificação se corresponde a: retardo mental leve (F70), retardo mental moderado (F71), retardo mental grave (F72) e retardo mental profundo (F73).

A Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento (AAIDD) no ano de 2002, classifica a deficiência intelectual como aquela que se caracteriza por limitações nas habilidades adaptativas e no funcionamento intelectual, em pessoas antes dos dezoito anos de idade, sendo essas limitações nos âmbitos das habilidades intelectuais, no comportamento adaptativo, relações sociais, saúde mental e física, nos contextos sociais e culturais (CARVALHO e MACIEL, 2003). Santos (2012) acrescenta que com a mudança do termo de deficiência mental, que refletia a influência do modelo médico, para deficiência

intelectual, ainda se manteve a ideia de incapacidade, embora tenha acrescentado uma flexibilidade na condição, ou seja, que a condição de incapacidade possa ser alterada conforme o ambiente que o sujeito de exponha.

Ainda, segundo a AAIDD (2011), a deficiência intelectual é definida como significativas limitações em pelo menos duas habilidades adaptativas de: comunicação, vida domiciliar, funções acadêmicas, trabalho, lazer, participação na comunidade, bem como em competências sociais, práticas e emocionais, por razão do funcionamento intelectual inferior à média.

O DSM - V (APA, 2014) segue a tendência e reafirma do termo adotado pela AAIDD e atribui três critérios diagnósticos, sendo eles: início dos déficits no período do desenvolvimento, déficits em funções adaptativas e déficits nas funções intelectuais.

Ambos modelos de compreensão da deficiência construídos historicamente foram de grande importância para o reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência, bem como de seus sentidos e significados. (BUTAFAVA, 2020).

Na perspectiva histórico-cultural, a deficiência intelectual é compreendida como um processo contínuo e como uma das possibilidades de desenvolvimento do ser humano, com foco principal no potencial preservado, deixando de lado a concepção fatalista de impossibilidade de desenvolvimento da inteligência. (VALSINER, 1998; VIGOTSKI, 1997, 2001). Coadunando dessa perspectiva, Barroco e Leite (2021, p. 252) acrescentam que,

Se a ciência não pode desconsiderar os aspectos biológicos, hereditários ou não, que estão presentes na condição da deficiência, também não se pode furtar a pô-los em perspectiva com os condicionantes socioculturais, ou seja, é essencial interpretar tal condição como um fenômeno multideterminado, e com implicações que extrapolam a esfera corporal/mental individual.

Deste modo, atribuir às deficiências sob julgamento de desenvolvimento limitado, leva somente às características intelectuais quantitativas do sujeito, dissociando os aspectos qualitativos de desenvolvimento do sujeito (BRUNER, 1997; DIAS, 2004).

É importante compreender que os prejuízos biológicos da deficiência intelectual apenas trarão limitações para o sujeito se as respostas sociais se apresentarem de forma negativa, caso não ocorra, esses fatores biológicos podem ser considerados estímulos em seu desenvolvimento. (CARVALHO, 2006).

A relação da sociedade com pessoas com deficiência intelectual, por vezes, não é positiva por haver julgamentos quanto às capacidades adaptativas, de compreensão, de resolução de problemas, de escolha e do papel social de adulto de pessoas com deficiência intelectual. Entende-se ainda que as regras sociais existentes auxiliam no processo de privação de estimulação social e acadêmicas do sujeito, afetando ainda o acesso e participação ativa em ambientes comuns (CARVALHO, 2006; DIAS, 2012).

Desta maneira, concorda-se que o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual ocorre de forma qualitativamente diferente de outros, porém não se opõe a outras diferentes maneiras do desenvolvimento humano normativo. E essa compreensão é pautada no modelo biopsicossocial da deficiência, que nos possibilita visualizar os aspectos intelectuais apenas como uma das características humanas, e valorizar o estabelecimento de relações sociais e sua participação social e histórica na existência (VIGOTSKI, 1997).

1.3 RESIDÊNCIA INCLUSIVA

É evidente a dificuldade da sociedade em incluir pessoas com deficiência nos meios sociais, ainda que discussões sobre esta temática já estejam presentes a décadas; sendo necessárias mudanças de significações da sociedade como um todo para que melhor acolham as diferenças humanas, independentemente do grau e/ou do tipo. Tais aspectos levam a constantes discussões e orientações normativas que visem a participação mais efetiva de segmentos sociais diversos. (SASSAAKI, 1999; PEREIRA, 2006; COELHO, SAMPAIO E MANCINI, 2014; BARROCO, LEITE, 2021).

Goffman (1974) discute a ideia da institucionalização de pessoas com deficiência intelectual com objetivo de segregação social, ou seja, era ofertada para afastar da família e da sociedade, os sujeitos que causavam transtornos, sendo que, até antes da efetivação de serviços sócio assistenciais não havia orientação e critérios bem definidos do público que seria atendido, bem como dos profissionais atuantes.

O direito referente à moradia digna por meio da vivência e participação plena na comunidade foram estabelecidos pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e pela Lei Brasileira de Inclusão - LBI (BRASIL, 2009 e 2015). Atualmente, a institucionalização de pessoas com deficiência é prevista pela política de assistência social, sendo considerada uma medida de proteção especial de alta complexidade proposta pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e, como parte da proposta sócio assistencial

definida no Plano Viver sem Limite (BRASIL, 2011), é ofertado o serviço de residências inclusivas.

Marques (1998) afirma que as instituições responsáveis pelo acolhimento de pessoas com deficiência, possuem não apenas a responsabilidade do cuidado, mas também de construir uma visão social para além dos aspectos quantitativos das deficiências, de forma com que o fato de serem residentes de uma instituição que não os limitem e os estigmatizem e sim, que sejam compreendidas suas demandas e subjetividades.

As Residências Inclusivas são destinadas a jovens e adultos com deficiência que estão em situação de vulnerabilidade social, ou seja, que não possuem resguardo familiar, condições de sustento independente e que estejam em situação de dependência. Dados de 2017, apontavam 205 residências associadas ao programa Viver sem Limites, tendo aproximadamente 2500 vagas financiadas exclusivamente pelo setor público, sendo ainda insuficiente para a demanda atual da sociedade. (FIETZ, 2017).

É oportuno dizer que, os ambientes das Residências Inclusivas são adaptados, organizados em pequenos grupos, localizados em áreas que façam parte da comunidade local, com estrutura física adequada e com equipe especializada ao atendimento das necessidades coletivas e individuais, de forma com que haja a promoção de habilidades adaptativas de autonomia e inclusão social. (BRASIL - MDS, 2014).

Deste modo, a política de acolhimento institucional por meio de residências inclusivas, deve se manter em constante processo de atualização histórica e cultural, de modo que suas práticas estejam sempre de acordo com a garantia dos direitos das pessoas com deficiência. E, concomitantemente, a sociedade deve se reorganizar a fim de que as políticas de assistência social possam efetivar a luta pela igualdade social e direitos humanos e, não somente, atuar a nível de caráter emergencial.

Os estudos com foco em pessoas moradoras em residências inclusivas ainda são escassos, visto que tais espaços são relativamente recentes na realidade brasileira. Numa varredura bibliográfica, foram encontrados estudos que tinham como objetivo conhecer o perfil dos jovens e adultos moradores em Residência Inclusiva (SILVA, 2018), compreender a situação educacional de alunos residentes (FREITAS e TEIXEIRA, 2016; CAMPOS, 2018), sobre os serviços de proteção a pessoas com deficiência e sua interdisciplinaridade (SILVA et al., 2013), bem como sobre os desafios da moradia acessível para todos, com autonomia e independência principalmente quando envolvem pessoas com deficiência (CAMBIAGHI e MAUCH, 2017) e investigar e intervir na formação de profissionais que trabalham em uma instituição de acolhimento para adultos com deficiência (SALVAGNI, 2014).

Poucas pesquisas retrataram avaliação ou intervenção diretamente com os residentes, como foi o caso da pesquisa de Mello (2015), que acompanhou a efetivação de uma Residência Inclusiva para pessoas com deficiência intelectual, em que nesse processo foram estabelecidas rodas de conversa para exposição de vivências pessoais para que houvesse a criação de novas regras internas, normas de convivência e organização da casa, possibilitando um posicionamento ativo de todos os moradores de modo a favorecer a não-institucionalização.

Outra pesquisa com participantes moradores de uma Residência Inclusiva, estudada por Campos, Barbosa e Aguiar (2015), tinha como objetivo utilizar a dança e a música como instrumentos para o desenvolvimento da Psicomotricidade com crianças e adolescentes com deficiência. Tal estudo possibilitou que os residentes pudessem estimular a expressão corporal e a comunicação. Porém, o contexto da residência não foi utilizado como variável na análise dos dados.

Ainda, foram encontrados estudos sobre os conhecimentos dos motivos que levam à institucionalização de crianças e adolescentes com deficiência (DE SOUZA RICARDO, 2011) e, conseqüentemente, quanto a problematização de como tem se efetivado o acolhimento institucional para crianças e adolescentes com deficiência no Brasil (DA SILVA NETO, ARAUJO e PENHA FILHA, 2020),

Outrossim, discutem-se os vieses: a análise da forma de atuação das instituições de acolhimento institucional para crianças e adolescentes com deficiência intelectual no Distrito Federal (DIAS, 2018), a caracterização das instituições residenciais para pessoas com deficiência intelectual no Estado de São Paulo (Brasil), a elaboração, implementação e avaliação da eficácia de um Programa Educacional para Profissionais que Atendem a Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual (BOUERI, 2014) e o agrupamento de literaturas que abordam o tema: residências inclusivas (PEDROSO e DAMAZIO, 2019).

Por fim, não somente foram observados os âmbitos acima, mas a relevância temática das questões em pauta, uma vez que refletem na caracterização do trabalho dos cuidadores de pessoas com necessidades especiais em residências inclusivas e identificar o perfil sócio demográfico desses cuidadores, bem como caracterizar a capacitação profissional (SILVA, 2015), ou mesmo quando ante a identificação das barreiras impeditivas do direito das pessoas com deficiência à moradia digna (ARANTES, 2017), dentre outros direitos e questões intrínsecas e extrínsecas inerentes a este grupo da sociedade.

1.4 DESENVOLVIMENTO HUMANO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Conforme referências já utilizadas, este trabalho será conduzido através da perspectiva teórica nomeada de teoria histórico-cultural e, como forma de maior elucidação será discorrido acerca do precursor da teoria, Vigotski, e o caminho histórico percorrido para construção da teoria, seus principais objetivos e seu viés acerca do desenvolvimento humano.

Lev S. Vigotski desenvolveu a teoria histórico-cultural, sendo disseminada em um contexto pós Revolução de 1917 na Rússia, antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Vigotski discordava das características das correntes psicológicas existentes em sua época, sendo que elas se referiam a ciência natural ou a ciência mental, não havendo, portanto, uma matriz teórica que unificasse todos os processos psicológicos superiores. De acordo com o autor, a psicologia estava baseada em concepções reducionistas do indivíduo, sendo necessária a construção de uma nova psicologia que compreendesse o sujeito em sua totalidade, tendo em vista seus fatores internos e externos, ou seja, considerando o ser biológico e social. (FREITAS, 2002).

O teórico objetivou acabar com essa divisão por meio da construção de um novo sistema fundamentado no materialismo histórico e dialético, ou seja, compreendendo os fenômenos como processos em movimento, bem como suas mudanças quantitativas e qualitativas. (VYGOTSKY, 1984).

Compreende-se na abordagem materialista o comportamento humano é produto biológico, cultural e histórico, havendo necessidade de uma visão interacionista dialética entre a linha de desenvolvimento natural e cultural. (FREITAS, 2002).

Por meio desta nova abordagem teórica, Vigotski pautou-se nos estudos acerca do desenvolvimento humano, compreendendo-o como um processo que se constrói por meio das interações do indivíduo com o contexto cultural e histórico em que o sujeito está inserido, sendo por meio das interações sociais que ocorre a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, por meio da mediação dos instrumentos e signos sociais. (EMILIANO e TOMÁS, 2015).

Desse modo, o desenvolvimento humano para Vigotski é visto por uma dimensão social sendo que, em sua perspectiva, o homem se desenvolve a partir das relações sociais que estabelece, diretamente ou indiretamente. Já, o funcionamento psicológico é constituído a partir de questões biológicas e a cultura acaba por tornar-se parte pelo processo histórico. (EMILIANO e TOMÁS, 2015).

Como forma complementar, em conjunto com Luria, outro teórico que fazia coadunava da perspectiva vigotskiana, realizou estudos que envolveram analisar a base biológica do desenvolvimento psicológico, em que se fundamenta na construção das funções psicológicas superiores do homem ao longo de sua história social, diferenciando o desenvolvimento animal, uma vez que se dá por meio da mediação de instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente e transmitidos para as próximas gerações. (FREITAS, 2002).

Para que ocorra o processo sócio histórico do desenvolvimento, Vigotski destaca a linguagem como processo de mediação entre sujeito e objeto, favorecendo a abstração e a generalização, por exemplo. Portanto, os conceitos construídos culturalmente são internalizados pelo sujeito em seu processo de desenvolvimento. (DE LA TAILLE e DANTAS, 2019).

Por fim, Vigotski traz a ideia de que ao longo da história podem ocorrer significativas alterações nos significados de palavras, gestos e manifestação de comportamentos que podem afetar a transformar o homem. O mesmo demonstra a importância em compreender as emoções como um conceito interligado ao desenvolvimento humano.

Desta forma, essa pesquisa utilizará a perspectiva histórico-cultural para direcionar a construção do instrumento, a etapa da coleta de dados e também da análise e discussão dos dados sobre a percepção das emoções de adultos com deficiência intelectual moradores de uma residência inclusiva.

CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO

Esse tópico se refere ao caminho metodológico percorrido para a realização da presente pesquisa, por meio da descrição das etapas científicas. Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa descritiva qualitativa, pois se propõe a explorar, por meio de entrevistas e análises de conteúdo, o fenômeno das emoções e da deficiência intelectual para descrição e interpretação.

Para Vigotski, a pesquisa é considerada uma forma de produção de conhecimento, pautada na interrelação das pessoas, visto que é por meio do processo de interação social que se desenvolvem as funções mentais superiores. (FREITAS, 2002).

Quando se realiza uma pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural, o foco está na compreensão do sujeito e seu contexto a partir da perspectiva do próprio sujeito, sem que haja o direcionamento dos resultados, e sim, que considere o processo de observação e descrição dos fenômenos em sua complexidade. (VIGOTSKI, 1991).

A pesquisa na perspectiva histórico-cultural possibilita o desenvolvimento do sujeito durante sua participação, por questão do seu foco estar na análise do processo e não somente na análise de um objeto. Deste modo, as falas dos sujeitos são consideradas construções tanto do próprio sujeito quanto do pesquisador e da pesquisa.

2.1 Local

A pesquisa foi realizada em uma residência inclusiva gerenciada por uma Instituição Social não governamental de atenção integral à pessoa com deficiência, localizada em uma cidade do interior de São Paulo.

Por meio dos dados coletados com o coordenador geral da residência e dos obtidos no site da Instituição, a Residência Inclusiva Masculina foi inaugurada no dia 13 de maio de 2011, contando na ocasião com 18 moradores. Todos os moradores foram encaminhados pelo Estado, a partir do encerramento de um Lar Escola que existia no município. Na época foram realizadas avaliações dos residentes para levantamento de fatores de elegibilidade, que resultaram em diagnósticos que diferiam de deficiência intelectual, tendo a necessidade de selecionar a população a ser atendida. Dessa forma, os moradores não elegíveis para a Residência, por não apresentarem deficiência intelectual, condição para permanência na Residência, foram encaminhados para serviços especializados. A Instituição priorizou que os membros da mesma família permanecessem juntos, sendo necessário na época assumir, por meio de um acordo com o Estado, membros menores de idade.

A Residência Masculina está localizada em área residencial da comunidade, possui estrutura física adequada, com sala de estar, quartos, banheiros, cozinha, lavanderia e sala para atendimentos. A equipe de profissionais que atuam no local são: coordenador, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, cuidador e auxiliar de limpeza. Em cada quarto dormem quatro residentes, e a equipe mínima é de dois cuidadores em tempo integral, por meio de escala de horários.

2.2 Procedimentos éticos

Em relação aos procedimentos éticos, a pesquisa foi submetida inicialmente à Plataforma Brasil, o comitê de ética responsável pelo programa de pós-graduação da UNESP, em novembro de 2019, obtendo aprovação em janeiro de 2020, por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), protocolo 27704719.7.0000.5398.

A Instituição em que a Residência Inclusiva está subsidiada possui um comitê de ética próprio, por meio do Instituto Paulino Raphael (IPR). Dessa forma, foi necessário enviar o projeto de pesquisa em conjunto com o certificado de aprovação do comitê de ética da Universidade, para que houvesse análise da documentação, tendo sido igualmente aprovada a pesquisa.

Foram elaborados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) com todas as informações pertinentes à pesquisa ao responsável (coordenador ou psicólogo da Residência), bem como do Termo de Assentimento (APÊNDICE B) de forma com que os participantes pudessem compreender os objetivos e metodologia da pesquisa e a garantia da escolha voluntária na participação.

Por conta da pandemia causada pela COVID-19, foi necessário que a pesquisadora se comprometesse com a paramentação necessária durante a coleta, bem como com os procedimentos de higienização e distanciamento, em atendimento às normas sanitárias.

2.3 Instrumentos para coleta de dados

Para a coleta de dados foram elaborados três instrumentos, sendo eles: a) questionário de caracterização dos participantes; b) teste baseado em fotografias; c) roteiro de entrevista semiestruturado.

O questionário de caracterização (APÊNDICE C) foi desenvolvido com o objetivo de coletar informações acerca a história de vida dos participantes, ou seja, seu histórico familiar,

ocupação, tempo de residência, diagnóstico e sua relação com as emoções por meio da percepção do psicólogo da Instituição.

O teste baseado em fotografias (APÊNDICE D), elaborado com 12 fotografias de expressões faciais de emoções, mediante o objetivo de verificar a identificação e nomeação das emoções, como também os critérios de identificação das mesmas. Foram utilizadas fotos com pessoas do gênero feminino e masculino, obtidas pela própria pesquisadora. As fotos eram representadas pelos modelos procuravam indicar emoções de: alegria, tristeza, raiva, surpresa, medo e nojo. Para a construção das fotos os modelos utilizavam roupas pretas, sem o uso maquiagens ou acessórios, sendo tomadas focais, centralizadas no rosto e parte superior do tronco, posicionadas em fundo liso e claro, com caracterizações adequadas das expressões faciais, foram seguidos os critérios dos estudos de Ekman (2011), visto que existem formas adequadas de caracterizações para cada emoção. Antes da aplicação com os participantes da pesquisa, foram realizados dois testes com os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Deficiência e Inclusão (GEPDI - UNESP), sendo o primeiro com fotografias originais do livro de Ekman e no segundo momento, com as fotografias utilizadas neste estudo. O critério para a utilização do teste foi a correta identificação e nomeação das emoções expressadas nas fotos por todos os integrantes do grupo.

De forma a complementar as informações recolhidas com o uso do teste baseado em fotografias, foi realizada a entrevista semiestruturada com todos os participantes (APÊNDICE E), pautada num roteiro de questões que procuravam conhecer as temáticas: situações em que identificou a emoção (exposta no teste), formas com que lidou com a emoção e nomeação das emoções mediante exemplos. Realizadas por meio das seguintes perguntas: O que é emoção para você? Quais emoções você conhece? - Início apresentação do teste de fotografias (APÊNDICE D): Qual o nome dessa emoção? - Você já se sentiu assim? Em que situação você se sentiu assim? (Quando? / Por que?).

Bogdan e Biklen (1994) explicam que entrevista é utilizada para coletar dados de acordo com a própria linguagem do participante, permitindo ainda ao pesquisador compreender de forma intuitiva o modo com que os sujeitos interpretam o que é pesquisado. Foi acrescida à entrevista, uma questão acerca da compreensão emocional dos participantes no período de pandemia da COVID-19.

2.4 Participantes

Colaboraram com a pesquisa 12 homens adultos, de 20 a 57 anos, com o diagnóstico de deficiência intelectual, moradores da Residência Inclusiva Masculina e que possuíam compreensão e comunicação oral que possibilitasse responderem aos instrumentos da pesquisa. Partindo de questões éticas de sigilo, os nomes dos participantes foram alterados para nomes fictícios que começassem com a letra R, como forma de representar o termo Residente (Quadro 1).

E também, como participantes indiretos tivemos o Roberto, coordenador da residência, que nos apresentou o histórico da residência, todos os percursos burocráticos vivenciados até a formação atual e o psicólogo Ricardo, que era o responsável em gerir o cotidiano dos residentes por meio da organização de rotina, acompanhamento de consultas médicas, em reuniões escolares e direcionamentos no trabalho, como também no manejo de comportamento dos residentes dentro da residência. Ricardo auxiliou no processo inicial de triagem dos participantes de acordo com os critérios de elegibilidade e respondeu o questionário de caracterização de todos os participantes selecionados.

Quadro 1: Caracterização dos participantes

Código	Sujeito	Idade	Diagnóstico - CID	Ano de inclusão na Residência	Ocupação
R1	Rafael	20	F 71	2011	Escola de Ed. Especial
R2	Raul	23	F 71	2011	Escola de Ed. Especial e Profissional
R3	Rui	26	F 71	2011	Empacotador
R4	Romeu	27	F 71	2013	Escola de Ed. Especial
R5	Rubens	27	F 70	2013	Empacotador
R6	Rodrigo	27	F 70	2011	Desempregado
R7	Rodolfo	32	F 70	2014	Ajudante geral
R8	Régis	36	F 71	2011	Vendedor de passagens de ônibus
R9	Renan	38	F 71	2012	Produção de uniformes
R10	Ramiro	40	F 71	2011	Empacotador

R11	Robson	45	F 71	2011	Produção de uniformes
R12	Ronaldo	57	F 70	2011	Auxiliar de campo de tênis

*Classificação CID: F70 - Deficiência Intelectual Leve; F71 - Deficiência Intelectual Moderada.

Fonte: Dados da Pesquisa

Para melhor detalhamento dos participantes, serão apresentados a seguir alguns dados coletados por meio do questionário de caracterização:

Rafael tem 20 anos, é residente desde 2011, sendo um dos casos em que foi acolhido mesmo sendo menor de idade para que se mantivesse junto aos irmãos. Atualmente estuda na Escola de Educação Especial, que também é conduzida pela Instituição responsável pela residência. Foi afastado da família biológica desde sua infância por questões de violência familiar. Possui 4 irmãos, destes, dois também são moradores da Residência, sendo eles: Raul e Romeu. Alterna com os irmãos a visita à irmã e à tia. O psicólogo da Residência menciona que Rafael consegue expressar suas emoções porém, apresenta dificuldade na identificação das emoções em seus pares.

Raul, 23 anos, residente desde 2011, possui histórico de violência familiar e atualmente faz parte da Escola de Educação Especial e do Curso de Profissionalização da Instituição. Segundo o psicólogo, consegue expressar suas emoções mas, em diversas situações não consegue nomeá-las e, em relação aos pares, possui uma maior dificuldade em nomear e também em saber lidar com as emoções.

Rui, 26 anos, residente desde 2011. Possui contato com um irmão, que foi adotado por uma família, por meio de visitas e ligações. Trabalha como empacotador em um supermercado há 5 anos. De acordo com o coordenador, Rui apresenta dificuldade em compreender e em expressar emoções em si e nos outros.

Romeu, 27 anos, e diferentemente dos seus irmãos, se tornou residente somente em 2013, visto que inicialmente foi residir com a sua irmã, e, por falta da administração de medicamentos, foi direcionado para a residência para morar junto aos seus irmãos. Atualmente é estudante da Escola de Educação Especial e do Curso de Profissionalização. De acordo com o psicólogo responsável, Romeu consegue expressar suas emoções, porém apresenta dificuldade em compreender a emoção em seus pares, há presença de alteração comportamental quando há desregulação emocional.

Rubens, 27 anos, residente desde 2013, antes morava em uma residência inclusiva de outra cidade. Familiares possuem histórico de doença mental grave e de violência, mantém

contato com os mesmos por meio de visitas e telefonemas. Trabalha em um supermercado como empacotador há 5 anos. O psicólogo mencionou que Rubens consegue expressar suas emoções e identificar as de seus pares, além de apresenta ansiedade excessiva.

Rodrigo, 27 anos, residente desde 2011, tem histórico de ter frequentado a Fundação Casa e também de ter vivido na rua durante um período de sua vida. Teve acesso a um ambiente familiar abusivo e violento. Irmã mora em outro estado, dessa forma somente mantém contato com a mesma por ligação e mensagens, uma vez, pelas normas legais, os residentes não podem sair do estado. Não trabalha atualmente, foi demitido do último emprego por questões comportamentais, porém faz parte do Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias – SEID, da Instituição. De acordo com o psicólogo responsável, Rodrigo consegue expressar e identificar a expressão dos pares, é considerado líder no ambiente da residência.

Rodolfo, 32 anos, residente desde 2014, tem histórico de abandono familiar, viveu um tempo na rua e depois foi adotado porém o pai adotivo não pode mais ficar com ele e o mesmo foi direcionado a um abrigo de outra cidade e depois à Residência. Ainda mantém contato com o pai adotivo. Rodolfo possui o diagnóstico de deficiência intelectual e de esquizofrenia. Ele trabalha há dois anos de ajudante geral em uma empresa e, de acordo com o psicólogo, verbaliza algumas emoções e em algumas situações identifica as emoções dos pares.

Régis, 36 anos, está na residência desde 2011, não possui família conhecida e não verbaliza sobre. Trabalha como vendedor de tickets em uma empresa de transporte há 10 anos. De acordo com o psicólogo, Régis consegue ler e expressar suas próprias emoções, como também de seus pares. O mesmo já participou de treino para ir morar sozinho, porém ao final do processo verbalizou que se sentiria mais confortável em permanecer na residência.

Renan, 38 anos, tem histórico de violência familiar, foi cuidado pela avó durante muitos anos mas, após a morte da mesma teve a necessidade de ser institucionalizado. Morou em outra residência de outra cidade anteriormente e está nesta desde 2012. Trabalha com confecção de uniformes há nove anos. O psicólogo coloca que Renan consegue expressar suas emoções, apresenta padrão de mentiras recorrentes, e consegue em algumas situações identificar as emoções.

Ramiro, 40 anos, possui histórico de institucionalização desde os 4 anos de idade, morou junto com a mãe e a irmã na rua por um período e, por ser homem, foi separado de ambas para residir em uma instituição masculina. Há aproximadamente 5 anos a Instituição conseguiu entrar em contato com sua família e atualmente o mesmo mantém contato por meio de mensagens, ligações e visitas anuais a irmã. Está na residência desde 2011 e trabalha como

empacotador há 5 anos. O psicólogo relata que Ramiro nomeia suas próprias emoções, apontando mais as emoções positivas e consegue identificar as emoções de seus pares.

Robson, 45 anos, tem histórico de abandono familiar e de institucionalização, seus relatos sobre a questão familiar são evasivos. É morador da Residência desde 2011 e trabalha na confecção de uniformes há 8 anos. Para o psicólogo Robson possui dificuldade na expressão de suas emoções, porém as emoções positivas identifica com maior facilidade, já em relação a identificação das emoções em terceiros há uma maior dificuldade.

Ronaldo, 57 anos, tem histórico de abandono, possui um discurso em relação a família, porém ocorre de maneira evasiva. Trabalha em um clube de tênis como auxiliar de carregamento de pó de saibro há 21 anos. Em relação a identificação de emoções, o psicólogo citou que o mesmo consegue se expressar bem, porém em relação aos terceiros possui maior dificuldade.

2.5 Procedimentos de coleta de dados

Após o aceite inicial do Comitê de Ética da Universidade e da Instituição, o coordenador da Residência Inclusiva foi contatado e explanado os objetivos e a metodologia da pesquisa, bem como apresentado e coletado a assinatura do TCLE, após a sua concordância em participar do estudo.

A pesquisadora, na conversa com o psicólogo da Residência, apresentou os critérios de elegibilidade para a participação na pesquisa, consultando quais residentes teriam condições de responder aos instrumentos. Na sequência foi aplicado o questionário de caracterização, em que possibilitou a descrição dos participantes selecionados.

Após consulta, dos 16 moradores, 12 atendiam os critérios da pesquisa e foram selecionados (conforme tabela 1). Os demais residentes apresentavam deficiência intelectual grave, com necessidade de apoio contínuo ou pervasivo para a realização de atividades simples e oralização desconexa, tendo prejuízos na produção de um discurso coerente e compreensível.

Como forma avaliativa dos instrumentos à amostra, foi realizado um teste piloto com um residente que possuía os mesmos critérios de seleção dos participantes finais, sendo eles: o diagnóstico de deficiência intelectual, a compreensão e comunicação verbal, residir na unidade da Residência Inclusiva da Instituição e aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento.

No segundo momento, foi realizado o contato com os residentes selecionados mediante os critérios, para um diálogo inicial com o objetivo de explicar questões referentes à pesquisa

e questioná-los acerca do interesse voluntário de participação da mesma. Todos os participantes possuíam a escrita do nome, desta forma, foi estabelecido como critério a assinatura do Termo de Assentimento pelo participante, visto que a leitura do mesmo foi conduzida pela pesquisadora.

A coleta dos dados ocorreu no local em que os participantes residem, sendo utilizada a sala dos profissionais como local de aplicação, visto que este ambiente era estruturado e oferecia privacidade para a exposição verbal dos participantes.

Desta forma, a coleta foi realizada por meio de agendamento prévio, respeitando a rotina e funcionamento da Residência. As aplicações do teste baseado em fotografias e da entrevista semiestruturada foram realizadas de forma individual com cada participante, havendo filmagem de apoio, para que houvesse maior fidedignidade na transcrição dos dados coletados.

Então, ao chegar na residência no dia agendamento para a coleta de dados, os participantes, de modo voluntário, escolhiam quem iria participar da pesquisa no dia, sendo respeitadas questões pessoais como cansaço, alteração de humor, entre outros fenômenos recorrentes ao ambiente.

Iniciava-se a coleta com a aplicação do roteiro da entrevista semiestruturada, com a questão inicial “o que é emoção?”. Caso os participantes apresentassem dificuldades em compreender a questão de forma imediata, a pesquisadora adaptava a questão para “o que você costuma sentir?”, “como você está hoje/estava ontem?”, “o que é sentimento?”. Todavia, em nenhum momento a pesquisadora oferecia respostas ou dicas, sendo assim após responder, o residente já era direcionado para a próxima questão.

A segunda questão “quais emoções você conhece?”, foi adaptada para alguns participantes com as questões: “o que você já sentiu?”, “quais os nomes das emoções/sentimentos que você conhece?”, “nesse exemplo que você me trouxe, o que você estava sentindo?” e “e em outras situações, o que você já sentiu?”. Conforme a questão anterior, foram consideradas as respostas apresentadas pelos participantes e a próxima questão era disparada.

Na sequência, recorria-se ao uso do teste baseado em fotografias, ou seja, era exposto aos participantes que nesse momento seriam mostradas algumas fotografias no computador e eles teriam que responder algumas perguntas a partir da figura apresentada.

Para cada fotografia exposta era questionado ao participante “o que você acha que ele/ela está sentindo?”, quando o mesmo apresentava dificuldade para identificar a emoção, a pesquisadora realizava adaptações como: demonstrar em sua própria face a emoção exposta, solicitar para que o participante imitasse a fotografia e questões como “qual o nome do que

ele/ela está sentindo?”, “o que tem no rosto dele/dela que você acha que ele/ela está sentindo isso?”. No segundo momento e ainda com a mesma fotografia, era questionado “em que situação você se sentiu assim?”, utilizando ainda como adaptação “me conte algum dia que você se sentiu assim”, “o que tinha acontecido para que você sentisse isso?”, “você conhece alguém que já se sentiu assim, o que tinha acontecido?”, mesmo quando os participantes não respondiam a emoção corretamente, era dada continuidade às questões e ao prosseguimento a demonstração das fotografias.

O mesmo procedimento descrito acima foi utilizado tanto para as fotografias do gênero masculino quanto feminino.

No momento final em que mostrava as emoções e as nomeações adequadas, os questionava acerca de exemplos das emoções não citadas em nenhum momento anterior.

Pereira-Silva, Furtado e Andrade (2018) ressaltaram a importância de realizar adequações nos instrumentos utilizados com pessoas com deficiência intelectual, atentando-se as características dos entrevistados durante a construção dos instrumentos e a coleta de dados.

2.6 Procedimento de Análise de dados

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e a duração das mesmas ficou em torno de 15 minutos.

Os dados coletados pelo questionário de caracterização, da entrevista e do teste baseado em fotografias foram analisados mediante o agrupamento dos conteúdos coletados e dispostos em categorias, sendo submetidos à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo descrita por Bardin (1991) se baseia em um conjunto de técnicas de análise de comunicações por meio de procedimentos sistemáticos. Essa análise tem como objetivo obter indicadores que possibilitem a inferência de conhecimentos produzidos por meio das perguntas realizadas pela entrevista.

A autora apresenta técnicas de análise de conteúdo e, para esse trabalho, será utilizada a análise de conteúdo categorial/temática, em que ocorre o recorte das entrevistas e contada a frequência dos temas por meio de uma grelha de categorias. (BARDIN, 1991).

Para que seja possível realizar a análise de conteúdo de forma sistematizada, é necessário compreender e seguir as três fases descritas por Bardin (1991), sendo elas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase em que ocorre a aproximação e organização do material, sendo necessário considerar as regras de exaustividade (considerar todo o material obtido em

entrevista), representatividade (havendo a necessidade de que a amostra deva ser generalizável ao contexto estudado), homogeneidade (haver critério de investigação semelhante para todos os entrevistados) e pertinência (considerar que o conteúdo investigado corresponda aos critérios da análise).

Desta forma, todas as regras explicitadas pela autora foram seguidas visto que: todo o material obtido por meio das entrevistas foi considerado; de acordo com a regra da representatividade, foram entrevistados 12 dos 16 residentes, correspondendo a 75% do contexto estudado; a homogeneidade também foi respeitada visto que o mesmo roteiro de perguntas foi utilizado para todas as entrevistas; e, em relação à pertinência, todas as questões do roteiro acima citado foram planejadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

Seguindo os procedimentos descritos pela autora, após a transcrição das entrevistas, foi realizada a “leitura flutuante” das respostas de todos os participantes, possibilitando a pesquisadora assimilar o conteúdo coletado.

Para analisar os dados, foi realizada uma organização sistematizada, de forma com que corroborasse com a análise de conteúdo. Desta forma foram realizadas as seguintes etapas: as repostas foram analisadas como unidades independentes totalizando 324 unidades; para essas unidades foram adicionados códigos de identificação em relação ao nome do participante e a questão respondida (R1; P1).

As respostas de cada questão foram agrupadas em formato de tabelas para uma melhor visualização dos dados, originando cinco tabelas com as respostas dos 12 participantes, como exemplificado no Apêndice F. Todas as tabelas foram selecionadas para a submissão à análise de conteúdo, visto que por meio dessa foi possível compreender a visão dos residentes e alcançar os objetivos da pesquisa.

Os conjuntos de respostas foram reunidos em quatro eixos temáticos, sendo eles: Definição de emoções, Nomeação de emoções, Identificação das emoções e Descrição de experiências.

Quadro 2: Distribuição das questões distribuídas por eixos temáticos

Eixos	Questões da entrevista
Eixo 1: Definição de emoções	- O que é emoção para você? (P1)
Eixo 2: Nomeação de emoções	- Quais emoções você conhece? (P2)
Eixo 3: Identificação das Emoções	- Qual o nome dessa emoção? (P3)

Eixo 4: Descrição de Experiências	- Em que situação você se sentiu assim? (P4) (Quando? / Por que?)
-----------------------------------	--

Fonte: Dados da Pesquisa

Após estabelecer os eixos temáticos, foi realizada novamente a leitura dos dados para que fosse realizada nova organização dos dados de acordo com a classificação obtida.

Neste momento da análise, já é possível formular hipóteses e realizar o início da definição das categorias pré-definidas. Deste modo, há dois procedimentos para a formulação das hipóteses, sendo eles: o procedimento fechado, em que a análise pré-estabelecida é definida e não pode ser modificada e o procedimento exploratório, em que a análise não é determinada previamente, podendo ser utilizadas técnicas para que haja ligação entre as diferentes variáveis da pesquisa, por meio de um processo dedutivo. (BARDIN, 1991).

A fase de categorização dos dados pode ser realizado também por meio de dois processos, sendo eles: caixa e acervo. O processo de caixa é realizado por meio de categorias pré-estabelecidas, em que os conteúdos assim que vão sendo encontrados, são encaixados nas categorias. Já o processo de acervo, não há o estabelecimento prévio das categorias, visto que essas são resultados de classificações dos conteúdos por meio de identificações e os títulos das categorias somente serão definidos após a junção desses conteúdos, sendo que o nome descreve as características dos elementos. O processo utilizado neste trabalho foi o de acervo.

Como forma de exemplificação, quando os participantes foram questionados sobre o que é emoção para eles, eles responderam:

“Emoção é quando a gente vê que vai defender, que vai ajudar, que vai obedecer, que vai se emocionar.” (R7)

“É... emoção. Ah...tudo de bom. Lavar mão, secar, almoçar...” (R11)

“Emoção é... porque eu to afastado do serviço, o serviço lá... É porque, por causa da corona. Por isso que eu to aqui. Eu tava trabalhando ai me afastaram por causa da corona.” (R12)

Quando essas respostas são reunidas para a elaboração de uma categoria, apresentaram a ideia de associar a temática questionada a categoria de “concepção por experiências gerais” podendo ser observada somente após a análise e correspondendo ao processo de acervo.

Na fase de exploração do material, foram estabelecidos outros procedimentos necessários, conforme explicado a seguir.

Iniciou-se com o procedimento de recorte, sendo a fase em que ocorre a determinação da unidade de registro, ou seja, a forma com que os conteúdos serão analisados. Essas unidades podem ser representadas por meio de temas, frases ou palavras. De acordo com o objetivo da pesquisa, a unidade de registro foi realizada por meio de temas, considerando o nível semântico das unidades.

Estas unidades de registro devem ser baseadas de acordo com as unidades de contexto, sendo, no caso desta pesquisa, todas as respostas recebidas por meio de entrevista. Todas as respostas com características semânticas comuns foram agrupadas em uma categoria, visto que as unidades de contexto foram consideradas como unidades de registro, ou seja, as respostas completas obtidas foram inseridas em uma categoria.

O procedimento seguinte é a enumeração, sendo que neste momento é decidido como as unidades de registro serão contadas, se baseando nas hipóteses aventadas, que, no estudo em questão consistia em que todas as respostas dos residentes sobre a concepção ou identificação de emoções, fariam parte das categorias.

E por fim o procedimento de classificação, que é o momento em que as unidades de registro são inseridas em categorias pré-estabelecidas e, como neste trabalho foi utilizado o processo de acervo, foi realizado o agrupamento destas unidades em tabelas, de acordo com análises similares e, num segundo momento, foram nomeadas categorias para esses agrupamentos.

Para que as categorias sejam consideradas adequadas, é necessário seguir a sistematização de Bardin (1991), garantindo que as categorias passem por algumas regras como: a de exclusão mútua (os elementos não podem ser repetidos em diferentes categorias), homogeneidade (as características das unidades agrupadas devem ser similares), pertinência (as categorias devem estar condizentes com os objetivos da análise), objetividade e fidelidade (as análises devem ser claras e organizadas de acordo com um mesmo padrão) e, por fim, de produtividade (os resultados devem alcançar os objetivos).

Na fase de tratamento dos resultados obtidos, para que ocorra a interpretação, é necessário que haja a inferência dos resultados. Para Bardin (1991), a inferência é uma maneira de interpretar os dados de maneira controlada, sendo necessário obter: o apoio da mensagem e canal usado na emissão, bem como do emissor e receptor da mensagem. Para a presente pesquisa, a mensagem e o canal utilizado foram as perguntas da entrevista e os receptores da mensagem foram os residentes.

Os resultados alcançados com o desenvolvimento da pesquisa serão expostos no capítulo a seguir

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão descritos os resultados obtidos por meio da entrevista e do teste de fotografias realizados com os residentes. Primeiramente serão apresentados os resultados alcançados pela entrevista e que serão apresentados por meio dos eixos: definição de emoção e nomeação das emoções. Em seguida serão apresentados os resultados da entrevista concomitante com o teste de fotografias que resultou nos eixos: identificação das emoções e descrição das experiências emocionais.

O eixo definição de emoção, corresponde à explicação do sentido da palavra emoção, ou seja, a forma com que os residentes de acordo com suas vivências até o momento, explicam o termo. O eixo de nomeação das emoções, se refere a relação do termo com os tipos de emoções, ou seja, quais os nomes das emoções que eles conhecem e usam no seu cotidiano. Em relação ao eixo identificação de emoções, demanda outra forma de compreensão do sujeito, que se corresponde a capacidade de compreender as expressões faciais, reconhecê-las e nomeá-las verbalmente e, o último eixo de descrição das experiências emocionais representa a relação dos residentes com a nomeação das emoções frente à identificação das expressões faciais e realizar um relato com a associação com suas experiências pessoais. (IZARD, 2001; DENHAM, 1998)

As categorias de cada eixo serão demonstradas por meio de quadros obtendo a nomeação das categorias, a definição, exemplificação por meio dos relatos dos participantes, a frequência absoluta (número de residentes que citou a categoria) e a frequência relativa (percentagem dos participantes que citou a categoria).

Como o objetivo dessa pesquisa foi compreender a identificação emoções do conjunto de participantes, as categorias encontradas foram consideradas a partir da concepção dos residentes. É possível ainda inferir que as categorias mais citadas serão consideradas com maior representatividade dentro da identificação do grupo.

As categorias serão discutidas através de conteúdos presentes em produções científicas que condizem às temáticas pesquisadas. Serão apresentadas as interpretações dos dados na ordem dos eixos, iniciando com o Eixo 1 e finalizando com o Eixo 4.

Eixo 1: Definição de Emoção

Esse eixo corresponde aos questionamentos acerca a definição e primeiras nomeações que os residentes utilizaram no que se corresponde a identificação das emoções. Dessa forma, como foi exemplificado na Tabela 1, as respostas advindas dos participantes, sendo possível realizar três categorias, sendo elas: Conceito pautado em experiências emocionais; Conceito pautado em experiências gerais; Não Identificação.

Tabela 1: Categorias do Eixo 1 - Definição de emoção

Categorias	Definições	Exemplos	Participantes	n	f
	Utilizou				
Conceito por experiências emocionais	experiências emocionais para explicar o termo	“Emoção... vamos supor que é quando eu to triste, vergonha.”	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R8, R10	8	66,7%
	Utilizou				
Conceito por experiências gerais	experiências pessoais sem relação direta ao termo geral para explicá-lo	“Emoção é... Porque eu to afastado do serviço, o serviço lá... É porque, por causa da corona. Por isso que eu to aqui. Eu tava trabalhando ai me afastaram por causa da corona.”	R7, R11, R12	3	25%
Não Identificação	Não definiu	“Não sei não”	R9	1	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Das três categorias encontradas, a de maior ocorrência foi a de Conceito por Experiências Emocionais, mencionada por 66,7% dos participantes, em seguida foi a categoria Concepção por Experiência Gerais, sendo 25% dos relatos e a última categoria Não Identificação, foi citada por apenas um residente (8,3%).

A primeira categoria Conceito por Experiências Emocionais, demonstra que a maior parte dos participantes associam o termo emoção à experiências emocionais já vivenciadas, conforme demonstrado abaixo:

“Emoção é que eu gosto de você” (R1 - Rafael, 20)

“Emoção, vamos supor que é quando eu to triste, vergonha”. (R2 - Raul, 23)

“Emoções, é quando a gente curte com o outro, conversa com o outro, faz atividade, não só aqui em casa mas lá fora também...na empresa, no trabalho, conversa com os amigos, faz amizade (...)” (R3 - Rui, 26)

“Emoção é feliz, chorar, dormir e acordar”. (R4 - Romeu, 27)

“Emoção é quando que alguém está apaixonado, não é?” (R5 - Rubens, 27)

“Emoção é quando eu vejo uma pessoa triste, chorando, pedindo ajuda e também quem tá com fome” (R6 - Rodrigo, 27)

“Emoção é quando a pessoa tá emocionada, quando ela quer ganhar alguma coisa, quer arrumar uma namorada, muito emocionada naquela pessoa.” (R8 - Régis, 36)

“Emoção é encontrar a minha família” (R10 - Ramiro, 27)

O fato de os residentes terem associado o termo emoção às suas experiências emocionais, pode ser compreendido pelo fato de que emoções são caracterizadas por mudanças no comportamento e no corpo, desta forma, elas dependem da forma com que o sujeito significa as situações vivenciadas, visto que as experiências emocionais estão presentes em todos os contextos sociais. (GLEITMAN et al, 2009).

Vigotski (2003) explica que os processos emocionais fazem parte de todo o processo de internalização de comportamentos e conhecimentos, propiciando que os aspectos cognitivos e afetivos se associem. Porém, em pessoas com deficiência intelectual, há dificuldades na mudança entre os campos afetivos e cognitivos, fazendo com que haja pensamentos focados em experiências concretas.

Deste modo, a maioria dos residentes realizou associação ao termo emoção, utilizando de exemplificações que sugeriram suas vivências associadas a sensações emocionais. Vigotski (2003) explica que situações quando vinculadas a sentimentos agem de forma significativa nos sujeitos.

Já em relação à segunda categoria, nomeada como: Conceito por Experiências Gerais, foi observada uma maior dificuldade por parte dos residentes em explicar o que foi questionado, havendo portanto respostas que trouxeram outras experiências pessoais, que não fundamentadas nas classificações emocionais.

“Emoção é quando a gente vê que vai defender, que vai ajudar, que vai obedecer, que vai se emocionar”. (R7 - Rodolfo, 32)

“É...emoção. Ah...tudo de bom. Lavar mão, secar, almoçar...” (R11 - Robson, 45)

“Emoção é...porque eu to afastado do serviço, o serviço lá... É porque, por causa da corona. Por isso que eu to aqui. Eu tava trabalhando ai me afastaram por causa da corona” (R 12 - Ronaldo, 57)

A última categoria, Não Identificação, corresponde ao residente que não conseguiu explicar o termo emoção, porém, com o decorrer da pesquisa, o mesmo conseguiu compreender e se expressar de forma com que se relacionasse com a temática pesquisada, possibilitando sua continuidade na pesquisa.

Pessoas com deficiência intelectual, como mencionado anteriormente, possuem dificuldades no pensamento abstrato e a questão da entrevista se referia ao termo de emoção que é considerado um conceito abstrato. Porém, com o decorrer da entrevista, os mesmos participantes conseguiram se contextualizar com a temática das emoções, chamando a atenção para que o déficit intelectual não deve ser entendido como um fato limitante, e sim, como um processo que vai se desenvolvendo de acordo com a assimilação do sujeito com suas experiências histórico-sociais. (VIGOTSKI, 1997).

Outros aspectos que podem explicar a dificuldade na conceitualização do termo é que as expressões de emoções se modificam de acordo com o contexto histórico e cultura e a forma de significação com que cada pessoa atribui e vivencia as emoções são aspectos subjetivos, visto que todos os conceitos que são construídos pelo homem fazem parte de um processo em constante mudança, de acordo com a interação dos próprios sujeitos com os signos e instrumentos e com as relações coletivas. (BRUNER, 1996; OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999).

Eixo 2: Nomeação de Emoções

Em relação ao Eixo 2- Nomeação de Emoções, foi possível verificar que os residentes tiveram respostas que se referiam às emoções que seriam abordadas na etapa seguinte, mas também a termos que se referiam a sentimentos, sendo estabelecidas as seguintes categorias: Emoções, Sentimentos e Termos Desconexos (Tabela 2). Nesse eixo houve ocorrência nos conteúdos das entrevistas, sendo incluídos nas mesmas categorias correspondentes.

Tabela 2: Categorias do Eixo 2 – Nomeação de Emoções

Categorias	Definição	Exemplo	Participantes	f
Emoções	Termos que se referem a emoção	“É o dia que eu to feliz, um dia to triste”	R2, R5, R6, R8, R9, R10	6 – 50%
Sentimentos	Termos que se referem a sentimentos	“Apaixonados, a fé, o coração e eu gosto de apaixonados”	R1, R3, R7, R9, R10, R12	6 – 50%
Termos Desconexos	Termos sem relação com a temática	“O Bruno, Lazinho e azul e...é isso”	R4, R11	2 – 16,6%

Fonte: Dados da Pesquisa

As unidades de contexto que se referiam à categoria Emoções foi citada por 50% dos residentes. Nesta categoria foram considerados os termos que seriam utilizados na pesquisa e, os participantes citaram de acordo com suas vivências, visto que neste momento da pesquisa não havia sido nomeada nenhuma emoção. Foram citados os seguintes termos:

“Bravo e nervosa” (R2 – Raul, 23)

“Contente também é emoção? E quando que alguém tá assim por exemplo, com raiva (...)” (R5 – Rubens, 27)

“Angústia, o nome é... Angústia”. (R6 – Rodrigo, 27)

“Ah, emoção é o dia que eu to feliz, um dia to triste (...)” (R8 – Régis, 36)

“Ah, eu sempre fui alegre na verdade, é difícil eu ficar triste”. (R9 – Renan, 38)

“(...) Eu senti ódio”. (R10 – Ramiro, 40)

Essas emoções citadas pelos residentes podem compreendidas, de acordo Vigotski (1991), como emoções instintivas, visto que são percebidas de forma fisiológica, por estarem relacionadas a mudanças corporais e psicológicas, quando se referem a questões comportamentais.

Já em relação a segunda categoria, que foi igualmente citada por 50% dos residentes, se refere aos Sentimentos, podendo também ser nomeada como emoções complexas (VIGOTSKI, 1991), e que aparecem no decorrer do contexto histórico, levando em consideração os fatores culturais dos sujeitos. Os sentimentos relatados pelos residentes serão descritos abaixo.

“(.) apaixonados, a fé (...)” (R1 – Rafael, 20)

“A gente tem que ter amor ao próximo”. (R3 – Rui, 26)

“Eu sinto o coração puro”. (R7 – Rodolfo, 32)

“Sinto falta da família”. (R9 – Renan, 38)

“Tem saudade das pessoas”. (R10 – Ramiro, 40)

“Eu to com saudade”. (R12 – Ronaldo, 57)

O termo saudade foi muito utilizado por eles, se referindo à família, visto que mesmo vivendo atualmente no contexto de uma residência inclusiva, muitos deles tiveram convivência com a família biológica durante anos e, a Associação desenvolve projetos que tem o como objetivo o resgate de vínculos para proporcionar experiências familiares mais saudáveis neste momento.

Como terceira categoria Termos Desconexos, houve dois residentes que citaram situações que não se referiam ao questionamento feito sobre a nomeação das emoções que conhecia, não sendo portanto, reconhecidas nas categorias anteriores, as respostas desta categoria foram: “acordar” (R4) e “o Bruno, Lazineiro e azul e...é isso” (R11).

Sabe-se que os conceitos sobre emoção são de difícil expressão por meio de palavras, visto que podem ir além dos conceitos pré-concebidos socialmente, por estarem associados a formas de sentir. (MOORS et al., 2013; SCHERER, 2005).

Eixo 3: Identificação das Emoções

O Eixo Identificação das Emoções foi dividido nas seguintes categorias: alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa. Identificação de emoções é entendida como as capacidades que possibilitam a identificação e expressão das emoções de forma precisa (CARUSO ET AL., 2002). A Tabela 3 demonstra as porcentagens de acertos das fotografias representadas pelos gêneros masculino e feminino.

Tabela 3: Categorias do Eixo 3 – Identificação das Emoções

Categorias	Definições	Exemplos	f masculino	f feminino
Tristeza	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial triste	“Tá com vontade de chorar...É tristeza”	8 – 66,7%	10 – 83,3%
Alegria	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial feliz	“Ele tá feliz Ele tá sorrindo”	12 – 100%	12 – 100%
Raiva	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial raiva	“Brava, muito brava!”	6 – 50%	11 – 91,7%
Medo	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial medo	“Ele tá sentindo medo”	1 – 8,3%	4 – 33,3%
Nojo	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial nojo	“Ele tá sentindo nojo”	1 – 8,3%	3 – 25%
Surpresa	Foto com pessoa do gênero masculino ou feminino com expressão facial surpresa	“Acho que ela falou: ah...eu ganhei alguma coisa!”	4 – 33,33%	2 – 16,7%

Fonte: Dados da Pesquisa

Das seis categorias encontradas, a Alegria foi a única que obteve 100% de acerto nas fotos do gênero feminino e masculino, pelos residentes. A fotografia com a expressão facial de raiva, representada pelo gênero feminino, obteve 91,7% de acertos e, na imagem masculina,

50%. Em seguida, vem a emoção tristeza que foi identificada por 83,3% na foto do gênero feminino e 66,7% na imagem representada pelo gênero masculino.

A emoção surpresa foi identificada por 33,3% na imagem masculina e 16,7% na feminina, após vem o medo com identificação de 33,3% na imagem masculina e 8,3% na feminina e, por último a imagem menos identificada foi a emoção nojo, sendo identificada por 25% na representação feminina e 8,3% na masculina.

Serão apresentadas as categorias individuais para que possa ser compreendido as diferentes formas com que os residentes identificaram as emoções demonstradas, visto que foi necessário o desenvolvimento de novas subcategorias para conseguir abranger todo o conteúdo coletado nas entrevistas e, se aproximar às concepções mais fidedignas dos participantes.

Outra análise realizada foi em relação a quantidade das respostas de nomeação das emoções, sendo que o previsto eram 144 unidades de resposta, ou seja, a quantidade total das seis emoções das fotos no gênero masculino e feminino respondidas pelos doze participantes. Esses dados serão apresentados na Tabela 4. As menções não totalizaram 100%, pois alguns residentes não mencionaram termos presentes nas categorias descritas abaixo. Foram consideradas as variações dos termos que condiziam com o contexto da resposta dos participantes, por exemplo: tristeza também foi compreendida por angústia. Em todas as respostas foram considerados os momentos em que os termos foram utilizados como resposta mas não correspondiam à expressão facial demonstrada.

Tabela 4: Unidades de Resposta por Emoções

Categorias	Número de Menções	<i>f</i>
Tristeza	25	17,3%
Alegria	35	24,3%
Raiva	36	25%
Medo	14	9,7%
Nojo	6	4,16%
Surpresa	6	4,16%

Fonte: Dados da Pesquisa

A raiva, foi o termo mais citado pelos residentes em suas respostas, contabilizando 36 vezes, ou seja, 25% das respostas. Em segundo lugar, a emoção mais mencionada foi a alegria, que apareceu 35 vezes durante a pesquisa, representando portanto, 24,3%. Já o termo tristeza foi mencionado 25 vezes pelos residentes, representando 17,3% do total de respostas. O medo,

foi citado 14 vezes, sendo 9,7% das unidades de resposta. E por fim, o nojo e a surpresa foram nomeados durante seis vezes, equivalendo a 4,16% cada.

Reconhecer emoções é uma importante habilidade que contribui para o funcionamento social, atuação na comunidade e desenvolvimento de qualidade de vida. (FERNANDO-CHÁVEZ ET AL., 2019). Portanto, o reconhecimento e nomeação das próprias emoções e de terceiros, estão associadas a expressão facial das emoções e a habilidade de falar e lidar com as emoções. (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2009).

Tristeza

A fotografia do gênero masculino com a expressão facial de tristeza, obteve menção correta por 66,7% (8 residentes) da amostra estudada. Visto que os outros quatro participantes a identificaram como raiva ou alegria, segundo a Tabela 5 abaixo exemplificado.

Tabela 5: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Tristeza

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Tristeza	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R8, R11	66,7%
Alegria	R9, R12	16,66%
Raiva	R7, R10	16,66%

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação à fotografia representada pelo gênero feminino, 10 residentes (83,3%) a identificaram como tristeza. As outras duas respostas foram categorizadas como raiva. Somente o Rodolfo (R7) que não conseguiu identificar a emoção tristeza em nenhuma das fotografias apresentadas, de acordo com a Tabela 6 abaixo.

Tabela 6: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Tristeza

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Tristeza	R1, R3, R4, R5, R6, R8, R9, R10, R11 e R12	83,4%
Raiva	R2, R7	16,6%

Fonte: Dados da Pesquisa

Rodolfo, categorizado como R7, utilizou o termo “angustiada” para responder ao questionamento e foi categorizada como raiva:

“Sabe, eu sou calmo, sabe. Mas tem umas horas que me enche a minha cabeça, eu fico nervoso, eu vou deitar um pouco, descanso, eu não consigo dormir e durmo só um pouco e depois eu acordo, faço as coisas, ou eu fico dormindo” (RODOLFO, 32 anos).

Alegria

Em relação à emoção alegria, na fotografia representada tanto pelo gênero masculino quanto pelo gênero feminino, houve identificação correta por 100% dos participantes (Tabela 7). Embora tenha ocorrido a identificação de diferentes emoções como “alegria”.

Tabela 7: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino e feminino: Alegria

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Alegria	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9, R10, R11 e R10	100,0%

Fonte: Dados da Pesquisa

Entende-se então que a identificação e expressão da emoção alegria, especialmente por razão do sorriso, ocorreu de maneira mais facilitada pelos sujeitos, conforme também já notado por pesquisas realizadas em público adolescente com deficiência intelectual e auditiva por meio da apresentação de um teste computadorizado, como também em adultos sem deficiência, por meio de apresentação de fotografias. (EKMAN E FRIESEN, 2003; MEMISEVIC e MUJKANOVIC, 2016; PALERMO e COLTHEART, 2004).

Raiva

A identificação da emoção raiva na foto representada pelo gênero masculino, obteve acerto por 50% dos participantes, visto que um participante não soube nomear a emoção e os outros 5 identificaram como alegria, conforme apresentado abaixo (Tabela 8).

Tabela 8: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Raiva

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Raiva	R1, R3, R6, R7, R8 e R10	50%
Alegria	R2, R4, R9, R11 e R12	41,7%
Não identificou	R5	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Um importante fator de análise foi que nessa foto, cinco residentes nomearam a raiva como alegria, sendo que os mesmos interpretaram os dentes aparentes da expressão facial raiva, como sorriso, conforme exemplo abaixo:

“Ele tá dando risada porque ele tá feliz” Ronaldo – R12

“Dá risada...” Robson – R11

“Ai ele tá feliz. Porque ele tá brincando” Renan – R9

No tocante à identificação na fotografia com o gênero feminino, onze participantes (83,3%) reconheceram a emoção como raiva e, somente Rodrigo (R6), nomeou como nojo (Tabela 9).

Tabela 9: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Raiva

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Raiva	R1, R2, R3, R4, R5, R7, R8, R9, R10, R11 e R12	91,7%
Nojo	R6	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Medo

A imagem caracterizada pelo gênero masculino em relação à emoção medo, foi identificada somente por Régis (R8). O restante dos residentes classificaram a fotografia de diferentes formas: 4 participantes disseram tristeza, 3 raiva, 2 relataram dor, 1 falou vergonha e 1 não soube identificar, explicitado conforme a Tabela 10.

Tabela 10: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Medo

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Medo	R8	8,3%
Tristeza	R4, R6, R10, R11	33,3%
Raiva	R1, R3, R5	25%
Dor	R7, R12	16,7%
Vergonha	R2	8,3%
Não identificou	R9	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Já no gênero feminino (Tabela 11), os acertos foram de 50% dos residentes (6 participantes), dois nomearam como assustada porém no contexto geral foi possível entender como uma flexão do termo. Houve grande diversificação nas identificações, dois como raiva, dois descreveram a característica “olho grande”, um como feliz e um respondeu um termo não compreendido em relação à imagem (“livre”).

Tabela 11: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Medo

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Medo	R3, R6, R7, R8, R10, R12	50%
Raiva	R1, R2	16,7%
“Olho grande”	R4, R5	16,7%
Alegria	R9	8,3%
Termo Desconexo	R11	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação à emoção medo, houve maior dificuldade dos participantes no reconhecimento com a fotografia masculina, sendo portanto uma emoção de baixa identificação. A pesquisa de Memisevic e Mujkanovic (2016), realizada com adolescentes com deficiência intelectual e deficiência auditiva, tiveram como resultado que os participantes com deficiência intelectual apresentaram maior dificuldade na identificação da emoção medo, por ser uma emoção com necessidade de estímulo imediato. Porém, outros estudos já trazem que tanto pessoas com deficiência quanto sem deficiência apresentam maior dificuldade no reconhecimento da emoção medo (ROJAHN, LEDERER, e TASSE, 1995).

Nojo

A emoção nojo foi pouco identificada pelos residentes na foto do gênero masculino, visto que somente o Régis (R8) conseguiu nomeá-la. A maioria dos residentes (8) a identificou como raiva, 2 como triste e 1 como alegre (Tabela 12).

Tabela 12: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Nojo

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Nojo	R8	8,3%
Raiva	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R12	66,7%
Tristeza	R9, R10	16,7%
Alegria	R11	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

Na fotografia de gênero feminino também foram poucos residentes (4) que identificaram a emoção nojo, ocorrendo pela maioria (7) a identificação da mesma como raiva e 1 como tristeza (Tabela 13).

Tabela 13: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Nojo

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Nojo	R5, R6, R7, R8	33,3%
Raiva	R1, R2, R3, R4, R7, R10, R11 e R12	58,3%
Tristeza	R9	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

A expressão natural da emoção nojo ocorre somente quando há relação de estímulos internos e externos, sendo estimulado principalmente pelo olfato e visão, essa emoção pode ser estimulada por meio de fatores culturais portanto, o reconhecimento desta emoção pode ter sofrido interferência por esta razão. (DA COSTA et al., 2005).

Surpresa

A emoção surpresa (Tabela 14) foi identificada por 4 residentes na imagem do gênero masculino, visto que houve dificuldade pelos residentes em utilizar o nome surpresa, sendo categorizado pela contextualização do exemplo mencionado por eles (e que será descrito nos próximos tópicos), eles utilizaram o termo “assustado”. O restante respondeu medo (4), raiva (2), feliz (2).

Tabela 14: Identificação das Emoções – Foto Gênero masculino: Surpresa

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Surpresa	R3, R8, R9, R10	33,3%
Medo	R5, R6, R7, 12	33,3%
Raiva	R1, R2	16,7%
Alegria	R4, R11	16,7%

Fonte: Dados da Pesquisa

Podemos notar que em relação a imagem representada pelo gênero feminino (Tabela 15) também houveram poucos residentes que identificaram a emoção surpresa, sendo apenas 16,7% (2), ocorrendo a mesma situação citada acima de mencionarem outros termos para se referir à surpresa, ainda citaram medo (3) e alegria (1). Os outros residentes citaram situações divergentes às emoções como: sono (5) e fome (1).

Tabela 15: Identificação das Emoções – Foto Gênero feminino: Surpresa

Subcategorias	Participantes	<i>f</i>
Surpresa	R6, R9	16,7%
Sono	R1, R3, R4, R7, R10	41,7%
Medo	R5, R8, R12	25%
Fome	R2	8,3%
Alegria	R11	8,3%

Fonte: Dados da Pesquisa

A surpresa é a emoção que ocorre de forma mais breve, quando comparada às outras emoções desta pesquisa, por ter duração de poucos segundos. Desta forma, após a situação que

gerou esta emoção passar, podem surgir outras emoções secundárias como o medo e alívio, que podem confundir uma compreensão de forma precisa. (FREITAS-MAGALHÃES, 2007).

Para que a diferenciação das emoções aconteça, é necessário que haja um significado ao sujeito, a compreensão das funções das emoções (relação de causa e consequência) e sua função social, de forma com que o sujeito entenda, avalie e interprete suas emoções vivenciadas. (FRIDJA, 1986; GROSS, 1999 APUD GREENBERG, 2002).

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa vão de encontro com outros estudos que demonstram que o uso de recursos visuais como por exemplo a fotografia, são maneiras adequadas de estimular habilidades sociais e emocionais em pessoas com deficiência intelectual. Estes outros estudos também realizados com adultos com deficiência intelectual, demonstram a importância na compreensão de fatores emocionais e a forma com que a fotografia pode ser uma das estratégias de ampliação destas habilidades. (OWEN Y MARATOS, 2016; FERNANDO-CHÁVEZ ET AL., 2019).

Eixo 4: Descrição das Experiências Emocionais

Esse eixo nomeado de Descrição das Experiências Emocionais, teve como objetivo identificar a concordância dos termos com a experiência emocional a partir da nomeação pelos participantes.

Assim que os residentes identificavam e nomeavam a emoção correspondente a foto, estando as respostas corretas ou não, os mesmos eram questionados se já haviam se sentido daquela forma e se eles poderiam exemplificar, por meio de situações pessoais vivenciadas ou por experiências de terceiros.

É importante ressaltar que em situações em que os residentes não traziam o nome da emoção esperada, a pesquisadora, no momento final da pesquisa rerepresentava as fotos das emoções e as nomeava. E retomava o questionamento acerca de exemplos das emoções não expressas espontaneamente, sendo os termos menos citados: nojo, surpresa e medo.

Neste eixo, serão mantidas as categorias gerais de acordo com os nomes das emoções representadas nas fotos: tristeza, alegria, raiva, medo, nojo e surpresa.

De modo a acrescentar na análise dos dados, serão classificadas subcategorias, como forma de observar com maior detalhamento as descrições das experiências dos residentes, conforme Tabela 16. As frequências terão diferentes valores em cada categoria, considerando que houveram casos em que os residentes trouxeram apenas uma experiência em relação a emoção citada, enquanto outros descreveram mais de uma vivência.

Tabela 16: Definições das Subcategorias – Eixo 4

Subcategorias	Definições
Ambiente de Trabalho	Experiências vivenciadas no meio de trabalho
Ambiente Familiar	Experiências vivenciadas com familiares; memórias familiares
Relatos Pessoais	Experiências baseadas em experiências pessoais cotidianas (relacionamentos, Residência, ideias, opiniões)
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	Exemplos baseados em situações figurativas ou por experiências de terceiros

Fonte: Dados da Pesquisa

Tristeza

Em todas as situações em que a emoção tristeza foi citada pelos participantes, os exemplos apresentados pelos residentes descreviam situações que simbolizavam a emoção nomeada.

Os residentes exemplificaram a tristeza de acordo com suas histórias de vida e, para melhor análise do conteúdo, as experiências emocionais serão categorizadas de acordo com sua temática e frequência, demonstradas na Tabela 17.

Tabela 17: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Tristeza

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	“Quando eu passei mal no serviço, uma vez” Rui - R3	2
Ambiente Familiar	“Quando eu perdi a minha mãe no parto. Ia nascer mais um menino e acabei perdendo os dois” Ramiro – R10	3
Relatos Pessoais	“É por que agora eu to sem namorada, a Graziela largou de mim” Romeu - R4	6
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	“Ele tá triste por causa do corona” Ronaldo – R12	2

Fonte: Dados da Pesquisa

As experiências mais citadas nessa categoria foram Relatos Pessoais, demonstrando que os participantes vivenciam frustrações em sua rotina, exatamente por estarem inseridos em um contexto comum.

“Quando eu ia sair e não deu certo e eu tive que ficar em casa” **Régis – R8**

“Porque hoje a Jéssica (cuidadora) brigou comigo” **Rafael - R1**

(Quando está triste) ... “Eu vou deitar um pouco, descanso, eu não consigo dormir e durmo só um pouco e depois eu acordo, faço as coisas, ou eu fico dormindo” **Rodolfo – R7**

“Quando eu to com dor, realmente eu não costumo falar, e depois que eu comento com as pessoas.” **Rubens – R5**

“Aquele dia que eu fiquei triste, foi o dia da morte da Dona Raquel* que morreu” **Raul - R2**

*Nome fictício por questões de sigilo.

A segunda subcategoria mais citada foi a família, os residentes descreveram as suas memórias em relação ao ambiente familiar, estando todos os exemplos associados à morte materna.

“Quando eu perdi a minha mãe no parto. Ia nascer mais um menino e acabei perdendo os dois” Ramiro – R10

“Dá vontade de chorar, dá vontade de fazer coisa que não deve...pular da ponte foi no dia que a minha mãe morreu, eu fiquei assim. Eu tinha 14 anos, eu tava na rua, foi no dia que a minha mãe foi embora com o outro namorado, ela foi embora e deixou eu na rua, daí eu fiquei assim ó, angustiado” Rodrigo – R6

“Eu só fico triste quando falam da minha mãe, porque minha mãe morreu no parto quando teve eu” Régis – R8

As duas últimas subcategorias menos citadas nos exemplos foram: trabalho e vivências extrínsecas.

Em relação ao trabalho, somente dois residentes utilizaram esse ambiente para exemplificar, sendo o residente R5 e R3, conforme abaixo:

“Eu tinha desrespeitado a minha monitora e depois eu me arrependi” Rubens – R5

“Quando eu passei mal no serviço, uma vez” Rui - R3

Já, em relação às vivências extrínsecas, pudemos observar o comportamento de terceirização da descrição de experiências, os residentes utilizaram de respostas acerca de questões sociais cotidianas.

“Perdeu a namorada, por isso que ele tá triste.” Robson – R11

“Ele tá triste por causa do corona” Ronaldo – R12

Alegria

Conforme exposto nos dados anteriores, a alegria foi a única expressão facial em que todos os residentes identificaram corretamente por meio da fotografia representada.

Com relação às descrições das experiências emocionais, os participantes as expuseram de maneira coerente à emoção demonstrada. As temáticas identificadas nos exemplos foram: ambiente de trabalho, família e relatos pessoais (Tabela 18).

Tabela 18: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Alegria

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	“Quando eu ganhei um primeiro emprego...!” Régis – R8	4
Ambiente Familiar	“Quando eu ganhei um presente, que foi ir atrás da minha mãe e aí eu achei”. Renan – R9	2
Relatos Pessoais	“Quando eu tinha um carneirinho de verdade, era igual um cachorrinho” Ronaldo – R12	3
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	-	0

Fonte: Dados da Pesquisa

A maioria das experiências emocionais associadas à Alegria envolveram situações de Trabalho e Vivências Cotidianas, sendo a primeira mais ocorrente, dado a importância dessa ação na vida dos residentes.

O trabalho é considerado uma atividade fundamental para o desenvolvimento e realização pessoal, sensação de pertencimento e construção de autonomia (TOLDRÁ, DE MARQUE e BRUNELLO, 2010).

“Quando o pessoal me ajuda lá no mercado porque tem alguma coisa, atividade pra fazer” Rui - R3

“As pessoas me alegram no serviço” Rui - R3

“Quando eu ganhei um primeiro emprego meu no prata!” Régis – R8

“Quando eu ganho um elogio, eu fico feliz” Rubens – R5

“Eu fiquei feliz quando foi o primeiro dia que eu comecei a trabalhar” Rodrigo – R6

Em segundo lugar foi a subcategoria Relatos Pessoais, presente no relato dos residentes questões como suas memórias pessoais, como no discurso do Rodolfo.

“Ah, faz muito tempo, quando tava a Renata*, psicóloga” Ramiro – **R10**

“Eu fico feliz com Jesus Cristo também, eu fico feliz com onde que eu vou ou onde que eu fico, vou pra um lugar melhor. Ou eu parto pro céu ou eu morro, ou eu vou mudar pra outro lugar e ser feliz, pra outra Apae, de Botucatu ou de dois córregos, São Paulo, ou viajar, ou soltar pipa, jogar bola, jogar basquete”.

Rodolfo – R7

“Quando eu tinha um carneirinho de verdade, era igual um cachorrinho” Ronaldo – **R12**

*Nome fictício por questões de sigilo.

Por último, a subcategoria Família, apresentou descrições sobre o programa de recuperar laços com a família biológica, que é proporcionado pela Instituição do qual fazem parte, demonstrando a importância na busca pela (re)conexão familiar na vida dos residentes, transformando em memórias positivas.

“Me deixou feliz foi ver o meu irmão por perto” Rodrigo – R6

“Quando eu ganhei um presente, que foi ir atrás da minha mãe e ai eu achei”. Renan – R9

Raiva

Em relação à emoção raiva, que foi a emoção mais citada e exemplificada pelos residentes, nota-se que todas as subcategorias foram encontradas nos relatos dos residentes, sendo a de maior frequência a de Relatos Pessoais e com nenhum relato na subcategoria Ambiente Familiar, conforme demonstra a Tabela 19.

Tabela 19: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Raiva

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	Eu tinha deixando um carrinho do cliente lá fora, aí quase pegou um menininho Rui - R3	2
Ambiente Familiar	-	0
Relatos Pessoais	De uma pessoa que fica falando mal da gente lá fora e eu não gosto que fique falando mal dos meus meninos aqui, que os meninos são loucos, eu fico com raiva Régis – R8	9
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	Será que é quando, por exemplo, uma pessoa colocou apelido nele... e por isso que ele ficou assim? Rubens – R5	2

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando fatores de regulação emocional em pessoas com deficiência intelectual não são estimulados, como a compreensão e identificação de experiência emocionais, há aumento de respostas emocionais mais agressivas, sendo fatores de risco que aumentam estereótipos e a exclusão social. (SOVNER e HURLEY, 1986 e PREDESCU, 2020).

A subcategoria com maior presença, com nove citações, Relatos Pessoais contou com a descrição de experiências pessoais dos residentes em relação a alguns assuntos, sendo principalmente a convivência na residência.

“Porque o Roger* jogou vídeo game ontem” Rafael - **R1**

“Quando eu faço bagunça, alguma coisa... quando tenho que dobrar roupa”

Raul - R2

“As cuidadoras brigam comigo”. **Romeu - R4**

“Chegou aqui na casa e queria almoçar, porque eu queria comer” **Rubens – R5**

“A primeira coisa que eu faço quando eu sinto raiva eu pulo o muro pra não descontar nos outros” **Rodrigo – R6**

“Quando eu pedi algumas coisa e ela falou que não ia fazer (cuidadora)”

Renan – **R9**

“Só o Rafael (ele briga)” **Robson – R11**

“Quando os moleques lá que, no instituto, que era bravo...Os moleque grande”

Ronaldo – **R12**

***Nome fictício por questões de sigilo.**

As outras duas subcategorias que menos apareceram nessa emoção foram Ambiente de Trabalho e Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros. As descrições presentes na categoria Ambiente de Trabalho apareceram no relato de dois residentes, conforme descrito abaixo:

“Eu tinha deixando um carrinho do cliente lá fora, ai quase pegou um menininho” Rui - R3

“Querendo descontar a raiva no encarregado” Ramiro – R10

Já, em relação à última subcategoria Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros, foram descritos por dois residentes:

“A pessoa quer bater né, quer dar uma na tua cara”. Rodolfo – R7

“Será que é quando, por exemplo, uma pessoa colocou apelido nele... e por isso que ele ficou assim?” Rubens – R5

Medo

Em relação à emoção Medo, a subcategoria mais citada foi a dos Relatos Pessoais, com oito descrições correspondentes e a de menor frequência foi a de Ambiente Familiar, com nenhuma citação pelos residentes.

Em todas as descrições concedidas pelos participantes, houve coerência do relato em relação à emoção questionada, sendo que apenas um residente não conseguiu descrever nenhum exemplo, mesmo após nomeação da emoção pela pesquisadora.

Tabela 20: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Medo

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	Eu tinha medo quando eu amassava as coisas do cliente no carrinho, medo dos clientes brigarem comigo, ficar bravo. Rui - R3	1
Ambiente Familiar	-	-
Relatos Pessoais	Foi em 2004, eu tava pensando que o moço queria me matar e eu fiquei com medo Renan – R9	8
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	Porque ele levou um susto Rubens – R5	2

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme exposto anteriormente, em relação aos Relatos Pessoais, os residentes descreveram experiências baseadas em memórias conforme Ronaldo, Raul e Renan.

“Como eu vim de são Paulo, eu vim bem pequenininho, eu tava sentindo dor, porque a lombriga saia pelo nariz, um atrás do outro, não conseguia respirar, eu tava com medo porque ela vai pro cérebro, ela pode ir pro olho, atravessar pro olho, eu tava com medo de morrer” Ronaldo – R12

“Fiquei com medo de a Gabi ficar doente” Raul - R2

“Foi em 2004, eu tava pensando que o moço queria me matar e eu fiquei com medo” Renan – R9

Houveram ainda descrições mais subjetivas como medos de animais, escuridão, espíritos, entre outros, apresentados abaixo:

“Ah...eu me escondo de baixo da coberta, eu fico tremendo, nós pensa que tem uma pessoa perto, é ruim...” Rodrigo – R6

“Da escuridão” Ramiro – R10

“Medo de lagartixa, cobra, jacaré e tubarão”

Romeu - R4

“Eu sinto meio medo quando uma pessoa morre, eu sinto os espíritos da pessoa vim buscar a minha coberta, eu me escondo” Régis – R8

“Medo de cachorro! Morde” Rafael - R1

Em seguida, aparece à subcategoria Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros em relatos de dois residentes, que utilizaram de exemplos que abarcam ambas as descrições da categoria:

“Eu nunca senti... Mas eu vi no jornal lá de São Paulo o Rodrigo Valentin no SBT, eu via a mulher que ficou assustada e morreu, deu infarto nela e ela morreu, roubou o celular dela, cigarro dela e morreu, falei, bandido que fez isso aí, São Paulo é perigoso né? Medo de assaltar e bater ou matar” Rodolfo – R7

“Porque ele levou um susto” Rubens – R5

E por último, na categoria Ambiente de Trabalho, houve o relato de um residente, o Rui, que descreveu uma situação em que ficava apreensivo em relação aos clientes do mercado em que trabalha:

“Eu tinha medo quando eu amassava as coisas do cliente no carrinho, medo dos clientes brigarem comigo, ficar bravo.” Rui - R3

Nojo

A partir dos relatos dos residentes, foi possível adequar duas categorias na emoção nojo, de Relatos Pessoais e de Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros, sendo seis e três relatos, respectivamente (Tabela 21).

A maior parte dos exemplos somente surgiu após a pesquisadora nomear a emoção para os residentes, pois foi uma das emoções pouco citadas espontaneamente pelos mesmos. Porém, todos os exemplos citados estavam condizentes com a emoção, associando portanto somente a dificuldade de identificação da expressão facial.

Tabela 21: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Nojo

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	-	0
Ambiente Familiar	-	0
Relatos Pessoais	Foi no dia que a menina vomitou Rodrigo – R6	6
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	Quando a pessoa tá cuspiendo perto de alguém Ramiro – R10	3

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto aos Relatos Pessoais, os residentes relataram experiências subjetivas por meio da citação de animais, e também de situações específicas conforme suas vivências anteriores.

“Foi no dia que a menina vomitou” Rodrigo – R6

“Tenho nojo do Diego (um residente da casa), ele é babado” Rafael - R1

“Dá lombriga, dava nojo, eu ficava com medo de sair do olho, atravessa a vista” Ronaldo – R12

“A gente tem nojo de pôr a mão na boca” Rui - R3

“Barata, aranha e formiga” Romeu - R4

“Eu não gosto de escorpião” Renan – R9

Os relatos categorizados nas Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros, os residentes utilizaram de exemplos mais generalizados. Percebeu-se que Rodolfo, novamente faz uso de exemplos que não dizem respeito a sua própria vivência.

“Acho que ela falou credo, eu não gosto de café, de suco, cigarro de bebeu. Ela fala assim... Credo! Quando passa a mão no nariz e coloca na boca, faz as suas necessidades, quando faz coco e fala: nossa que fedô.” Rodolfo – R7

“Quando alguém come e vomita na frente minha...” Régis – R8

“Quando a pessoa tá cuspiendo perto de alguém” Ramiro – R10

Surpresa

Por fim, a emoção surpresa esteve presente por meio de relatos associados a todas as categorias, com a maior frequência os Relatos Pessoais e com menor frequência a subcategoria Ambiente de Trabalho (Tabela 22).

Em todos os exemplos os residentes descreveram conforme a emoção questionada, sendo necessário em algumas situações a pesquisadora nomear a emoção demonstrada para que ocorresse a identificação e expressão das experiências.

Tabela 22: Descrição das Experiências Emocionais – subcategorias: Surpresa

Subcategorias	Experiências Emocionais	Frequência
Ambiente de Trabalho	Uma vez, eu fui descer com o carrinho com a cliente e trombei na cliente e eu assustei Rui - R3	1
Ambiente Familiar	Fiquei surpresa que eu fui na casa da minha família passear Rui - R3	2
Relatos Pessoais	Eu senti surpresa, sabe? Foi em 2014 quando eu ganhei um...aquele aparelho que parece um DVD...um home theater Régis – R8	6
Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros	Quando aparece uma pessoa surpresa querendo visitar, que não tava esperando. Ramiro – R10	3

Fonte: Dados da Pesquisa

As experiências classificadas na subcategoria Relatos Pessoais, apresentaram vivências em relação a questões cotidianas vivenciadas na Residência, ou proporcionadas pela Instituição a qual fazem parte, estando associadas na maior parte dos relatos à surpresa como uma emoção positiva, como é o caso dos exemplos abaixo:

“Quando eu ganhei um presente, ele chegou e eu fiquei feliz” Renan – R9

“Eu senti surpresa, sabe? Foi em 2014 quando eu ganhei um...aquele aparelho que parece um DVD...um home theater” Régis – R8

“Chegou e falou assim vou jogar basquete agarrei no coração e falei vou jogar basquete, então vamos jogar basquete.” Rodolfo – R7

“Foi no dia que nós fomos pra APAE de Santos... o mar” Rodrigo – R6

“Na hora que é o meu aniversário” Rubens – R5

Já, Ramiro e Renan, também associaram a emoção surpresa a situações inesperadas sem focar somente a emoções positivas.

“Eu quebrei o vidro e ai me assustei” Ramiro – R10

“Quando eu quebrei alguma coisa e eu falei “ai, quebrou” Renan – R9

As Situações Hipotéticas ou Baseadas em Terceiros, estiveram presentes nos relatos de Ramiro, Romeu e Rafael, explicitando situações cotidianas gerais.

“Quando aparece uma pessoa surpresa querendo visitar, que não tava esperando.” Ramiro – R10

“Quando tem festa.” Romeu - R4

“Quando tem aniversário.” Rafael - R1

As experiências classificadas no Ambiente Familiar foram somente duas, baseadas em memória familiar como o exemplo de Rui ou de desejo de reencontro, como a fala de Ronaldo.

“Fiquei feliz pensei que minha mãe ia vim hoje” Ronaldo – R12

“Fiquei surpresa que eu fui na casa da minha família passear” Rui - R3

Por fim, tem-se o relato de Rui que, utilizou o Ambiente de Trabalho, podendo representar a importância deste ambiente para suas diversas vivências emocionais.

“Uma vez, eu fui descer com o carrinho com a cliente e trombei na cliente e eu assustei” Rui - R3

Então, conforme os resultados demonstrados nos eixos, podemos entender que uma das formas de promover o desenvolvimento das competências emocionais é compreender o grau de conhecimento que os sujeitos já possuem acerca do funcionamento emocional, as diferenças entre os sujeitos e a compreensão das emoções associadas a experiências concretas,

possibilitando intervenções adaptadas a cada sujeito. Isso é importante, pois, grande parte de intervenções parte da hipótese que o nível emocional das pessoas são equivalentes, ainda mais em contexto institucional em que há grande demanda de trabalho e as particularidades são generalizáveis, aumentando os fatores de risco para pessoas com deficiência. (SHEEHEY & NIND, 2005; WILSON ET AL., 2009).

CONCLUSÃO

Por intermédio desta pesquisa, compreende-se que, embora a expressão das emoções tenham uma base inata, dependendo da história e cultura de cada sujeito essas emoções podem ser aprimoradas e sofrer alterações. Desta forma, o objetivo da pesquisa de analisar as competências emocionais de pessoas com deficiência intelectual e, identificar quando as habilidades emocionais não foram integralmente desenvolvidas, se fazem importantes, para que ocorram intervenções mais efetivas voltadas ao aprimoramento dessas habilidades.

Ao levarmos em consideração o histórico dos participantes, evidenciou-se que o contato com os pais não ocorreu ou foi pouco frequente, sendo esta, a primeira relação com os níveis de desenvolvimento de competência social e das habilidades socioemocionais em longo prazo, sendo portanto uma importante variável na compreensão dos dados obtidos.

Pessoas com deficiência intelectual, podem apresentar dificuldades no pensamento abstrato, como pode ser o caso da identificação facial das emoções. Porém, partindo do modelo desta pesquisa, observou-se que os participantes contextualizaram com a temática e responderam de forma adequada, evidenciando que o déficit intelectual não deve ser entendido como um fator limitante, e sim, como um processo que se desenvolve de acordo com a apropriação do sujeito com suas experiências histórico-sociais.

O fato de a grande maioria dos participantes vivenciar uma rotina de trabalho, atividade principal da idade adulta, o desenvolvimento das habilidades sociais, prática de direitos e deveres de cidadão, bem como de capacidades cognitivas dos mesmos tornam-se essenciais, visto que essa atividade está associada a realização de tarefas que objetivam produção de capital, organização da rotina, estabelecimento de relações sociais e formação de personalidade e projetos de vida, o que auxilia na constituição da participação social efetiva desses residentes.

De acordo com a coleta de dados realizada nesta pesquisa, as pessoas com deficiência intelectual, identificaram 53% das emoções questionadas, sendo uma quantidade significativa na funcionalidade e adaptabilidade dos residentes, o que demonstra um conhecimento basal em relação à temática, possibilitando a participação destes em futuros processos de intervenções no aprimoramento dessas habilidades.

De modo semelhante a outras pesquisas, a emoção que mais facilmente foi identificada nesta pesquisa foi a alegria, visto que esta é relacionada à expressão facial do sorriso, bastante comum na convivência diária entre as pessoas. Em segundo lugar, a tristeza, lembrando que é uma das emoções mais duradouras e, em terceiro lugar a raiva, que é acionada por meio das frustrações cotidianas. A surpresa, medo e nojo foram emoções menos citadas, podendo estar

associado a emoções mais breves e que necessitem de um contexto para uma precisão na identificação.

Já, em relação às descrições das experiências emocionais, todos os residentes descreveram pelo menos uma vivência de acordo com a emoção questionada, evidenciando o posicionamento acima e possibilitando uma compreensão mais adequada em relação as competências emocionais de pessoas com deficiência intelectual.

As experiências humanas vivenciadas historicamente e subjetivamente pelos sujeitos devem ser consideradas na compreensão das emoções, visto que é por meio das emoções que os sujeitos concretos estabelecem importantes funções psicológicas superiores como a linguagem, memória, percepção e, por meio destas, as vivências emocionais são possibilitadas.

O ambiente da Residência Inclusiva foi exposto pela grande maioria dos residentes nos questionamentos acerca das vivências emocionais, sendo esta um ambiente que possibilita a construção de relações sociais e o desenvolvimento das competências emocionais. Percebe-se em locais com o investigado uma grande responsabilidade de garantir o papel social da família, bem como se atentar para as individualidades dos residentes, mesmo que em um contexto institucional.

Com a participação nesta pesquisa sobre as emoções, os residentes perpassaram pelo caminho do pensamento para a palavra, visto que essas palavras estavam mediadas pelos seus sentidos e significados construídos social e historicamente.

Em relação ao caminho metodológico, a presente pesquisa nos alerta que, em pesquisas que objetivam a compreensão de aspectos emocionais, ou seja, que apresentam subjetividades nas respostas, é necessário conhecer os participantes, suas formas de interação e percepção, para que haja adequação dos recursos, como também do problema de pesquisa, hipóteses e objetivos. Da mesma forma, a análise de dados também necessita de cautela, para que o conteúdo coletado seja compreendido com grande neutralidade e fidedignidade.

Acredita-se que a identificação das experiências e intensidades emocionais dos sujeitos seja sempre pelo questionamento, obtendo os dados das investigações por meio de autorrelatos. Deste modo, quando os fatores emocionais são perguntados, há possibilidade de obter dados com precisão, como também de formas mais generalizadas afinal, as expressões mesmo que pautadas em objetos concretos de investigação, constituem-se formas subjetivas de manifestação.

As direções futuras fundamentadas através dessa pesquisa, estão pautadas na importância do reconhecimento de emoções como uma habilidade que necessita de ensino e intervenções pontuais, por haver diferentes e importantes variáveis que afetam esse processo.

Essa pesquisa nos remete a outros possíveis problemas de pesquisa como o questionamento acerca da forma com que o ambiente educacional e a sociedade tem estimulado as pessoas com deficiência intelectual – ampliando a estimulação apenas de fatores concretos para também fatores emocionais. Qual o peso das habilidades emocionais para a maior efetivação da inclusão social?

Ainda, podemos pensar na forma com que podemos articular o conteúdo aqui demonstrado com diferentes ambientes como: o contexto familiar, de trabalho, escolar e o contexto da sociedade em geral. As pessoas com deficiência intelectual desta pesquisa estão incluídas em todos esses ambientes sociais e, as questões emocionais surgem naturalmente, sendo de grande importância dar ouvidos e vozes à esta população por meio da ciência.

Em relação a organização dos instrumentos, outro recurso utilizado no processo de ensino-aprendizagem de habilidades emocionais em pessoas com deficiência intelectual, é o uso de mímica facial e também a apresentação de contextos nas fotografias, podendo ser acrescida na coleta de dados de futuros estudos para ampliar a contextualização dos participantes com a temática proposta e análise do reconhecimento facial.

Estudos complementares podem aprimorar a instrumentalização para ser aplicada a grupos maiores e associar meios interventivos de estimulação de competências emocionais para essa população, o que auxiliaria no objetivo principal da Residência Inclusiva e da comunidade acadêmica, que é a participação de pessoas com deficiências na comunidade de forma mais ativa e equitativa.

Deste modo, a presente pesquisa abriu novas questões e necessidades de compreensão sobre as emoções: na descrição do termo, na nomeação, na identificação, reconhecimento e nas experiências pessoais sob a perspectiva de pessoas com deficiência intelectual. Compreendendo a importância da ampliação de estratégias e recursos educacionais e de políticas públicas com foco no desenvolvimento de habilidades emocionais, de modo que seja possível o aprimoramento também de uma sociedade mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5th ed. Porto Alegre: Artmed; 2014.

ARANTES, M. L. **A inclusão das pessoas com deficiência na comunidade: o direito à moradia e as barreiras que impedem a sua efetivação**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais) - Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais, Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2017.

BARBOSA, J. N. **Problemas mentais: Identificação e intervenção educativa**. Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

BERLE, D. Graded exposure therapy for long-standing disgust-related cockroach avoidance in an older male. **Clinical case studies**, v. 6, n. 4, p. 339-347, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BOUERI, I. Z. **Instituições residenciais para pessoas com deficiência intelectual: um programa educacional para promover qualidade no atendimento**, São Carlos: UFSCar, 2014.

BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, 2009.

BRASIL. Decreto n. 7.612 de 17 de Novembro de 2011. Institui o **Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência – Plano Viver sem Limite**, 2011.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social. **Orientações para gestores, profissionais, residentes e familiares sobre o serviço de acolhimento institucional para jovens e adultos com deficiência em residências inclusivas**. Brasília, 2014.

BRUNER, J. **The culture of education**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

CAMBIAGHI, S. S.; MAUCH, L. H. DA SILVEIRA. Moradia acessível para a independência de pessoas com deficiência. **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, 2017.

CAMPOS, B. R. P.; BARBOSA, A. F. G.; AGUIAR, SMHCA. O-oo2 A contribuição da música e da dança no desenvolvimento da psicomotricidade de pessoas com deficiência intelectual. **Archives of Health Investigation**, v. 4, n. 1, 2015.

CAMPOS, R. C. P. R.; ARAUJO, N. R. Situação educacional de crianças e jovens com deficiência em acolhimento institucional. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, n. 170, p. 1148-1166, Dec. 2018.

CANNON, W. B. The James-Lange theory of emotions: A critical examination and an alternative theory. **The American journal of psychology**, v. 39, n. 1/4, p. 106-124, 1927.

CARUSO, D. R., MAYER, J. D., & SALOVEY, P. Relation of an ability measure of emotional intelligence to personality. **Journal of Personality Assessment**, 79, 306-320, 2002.

DA SILVA NETO, A. G.; ARAÚJO, R. C. N.; PENHA FILHA, N. H. Crianças e adolescentes com deficiência e os desafios às instituições de acolhimento. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2020.

DAMÁSIO, A. **Ao encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.

DARWIN, C. **A origem das espécies e a seleção natural**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

DE SOUZA RICARDO, J. **O Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes com Deficiência em face ao Direito à Convivência Familiar e Comunitária: Uma Análise do Contexto do Município do**. 2011. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

DE SOUZA, F. R.; BARBATO, S. Revisão sistemática de estudos qualitativos brasileiros com pessoas diagnosticadas como deficientes intelectuais. **Interação em Psicologia**, v. 21, n. 1, 2017.

DE LA TAILLE, Y.; DE OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H.. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Summus editorial, 2019.

DENHAM, S. A. **Emotional development in young children**. Guilford Press, 1998.

DIAS, E. A. **Política de acolhimento institucional para crianças e adolescentes com deficiência intelectual no Distrito Federal: a atuação do terceiro setor**. 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções** (C. Szlak, Trad.). São Paulo: Lua de Papel (Obra original publicada 2003), 2011.

EKMAN, P.; CORDARO, D. What is meant by calling emotions basic. **Emotion review**, v. 3, n. 4, p. 364-370, 2011.

FARIAS, N.; BUCHALLA, C.M.A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde: Conceitos, Usos e Perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 187-193, 2005.

FERNANDO CHÁVEZ, J. et al. Fotografía y discapacidad intelectual: estudio sobre el reconocimiento emocional a través de talleres de fotografía en personas con discapacidad intelectual. **Summa psicol. UST**, p. 20-26, 2019.

FIETZ, H M. Reflexões sobre família e deficiência a partir da reivindicação por moradia assistida para jovens e adultos com deficiência intelectual. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO DIREITO**, 5. 2017, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 2017.

FREDRICKSON, Barbara L. What good are positive emotions?. **Review of general psychology**, v. 2, n. 3, p. 300-319, 1998.

FREITAS, M. T. de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 116, p. 21-39, 2002.

FREITAS, S. N.; TEIXEIRA, C. T.; RECH, Andréia Jaqueline Devalle. Alunos com deficiência em situação de acolhimento institucional: desafios para a gestão e a inclusão escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 4, p. 2104-2124, 2016.

FREITAS-MAGALHÃES, A. Expressão facial: O efeito do sorriso na percepção psicológica da afetividade. 2007.

FRIJDA, Nico H. et al. As emoções . Cambridge University Press, 1986.

GALATI, D. et al. Judging and coding facial expression of emotions in congenitally blind children. **International Journal of Behavioral Development**, v. 25, n. 3, p. 268-278, 2001.

GLEITMAN, H.; REISBERG, D.; GROSS, J. **Psicologia**. (7^{ed}) Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Rio Grande do Sul: Artmed, 2009.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

IZARD, C. et al. Emotion knowledge as a predictor of social behavior and academic competence in children at risk. **Psychological science**, v. 12, n. 1, p. 18-23, 2001.

JAMES, W. The principles of psychology New York. Holt and company, 1890.

MACHADO, L.V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011.

MAGIOLINO, L. L. S. et al. Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano= uma estudo teórico da obra de Vigotski. 2010.

MARQUES, C. A. **Implicações políticas da institucionalização da deficiência**. Educação e Sociedade. 1998, vol.19, n.62.

MELLO, B. C. **Cartografias cotidianas: acompanhando a implantação de uma residência inclusiva para jovens e adultos com deficiência intelectual**. 90 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Paulista de Enfermagem, Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2015.

MEMISEVIC, H.; MUJKANOVIC, E.; IBRALIC-BISCEVIC, I. Facial emotion recognition in adolescents with disabilities: The effects of type of disability and gender. **Perceptual and motor skills**, v. 123, n. 1, p. 127-137, 2016.

MOORS, A. et al. Appraisal theories of emotion: State of the art and future development. **Emotion Review**, v. 5, n. 2, p. 119-124, 2013.

NUERNBERG, A. H.. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em estudo**, v. 13, n. 2, p. 307-316, 2008.

OLIVEIRA, M., & OLIVEIRA, M. Investigações cognitivas: Conceitos, linguagem e cultura. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1999.

OMS. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Tradução D. Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OWEN, S.; MARATOS, F. A. Recognition of subtle and universal facial expressions in a community-based sample of adults classified with intellectual disability. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 60, n. 4, p. 344-354, 2016.

PALERMO, R.; COLTHEART, M.. Photographs of facial expression: Accuracy, response times, and ratings of intensity. **Behavior Research Methods, Instruments, & Computers**, v. 36, n. 4, p. 634-638, 2004.

PEDROSO, C. Ap.; DAMAZIO, M. F. RESIDÊNCIAS INCLUSIVAS. ANAIS DO SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E ETNIA, v. 2, n. 2, 2019.

PLUTCHIK, Robert. Emotions and life: Perspectives from psychology, biology, and evolution. **American Psychological Association**, 2003.

REEVE, J. Motivação e emoção. Rio de Janeiro: LTC editora, 2006.

RICHARDSON, R. J. (org.). Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 1985.

ROJAHN, Johannes; LEDERER, Magdalena; TASSÉ, Marc J. Facial emotion recognition by persons with mental retardation: A review of the experimental literature. **Research in Developmental Disabilities**, v. 16, n. 5, p. 393-414, 1995.

SALVAGNI, J. M. **A formação de cuidadores de uma instituição de acolhimento de pessoas com deficiência: o cuidado enquanto meio de transformação social**. 105 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHERER, K. R. What are emotions? And how can they be measured?. **Social science information**, v. 44, n. 4, p. 695-729, 2005.

SHEEHY, Kieron; NIND, Melanie. Emotional well-being for all: mental health and people with profound and multiple learning disabilities. **British Journal of Learning Disabilities**, v. 33, n. 1, p. 34-38, 2005.

SILVA, A. M. S. et al. **Interdisciplinaridade no Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência e suas Famílias**. VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL Londrina de 05 a 07 novembro de 2013.

SILVA, C. R. M. **Caracterização do trabalho dos cuidadores de pessoas com necessidades especiais em residências inclusivas**. 2015. Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Local - contexto de territorialidades. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS.

SILVA, N.C.G. O. et al. **O acolhimento institucional de jovens e adultos com deficiência intelectual: uma análise a partir da experiência de estágio junto ao Serviço de Acolhimento Institucional São Gabriel**. 2018.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

STONE, W.L. & LAGRECA, A.M. Comprehension of non-verbal communication: A reexamination of the social competencies of learning-disabled children. **Journal of Abnormal Child Psychology**, 12, 505-518, 1983.

TASSONI, E.C.M. & LEITE, S.A.S. Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. **Comunicações**, v.18, n.2, p.79-91, 2011.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

VALSINER, J. **The guided mind**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

VIGOTSKI, L. S.. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 37, n. 4, p. 863-869, dez. 2011.

VIGOTSKI, L.S. **Obras escogidas V**. Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.
VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2ª edição. 2003.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

WILSON, Alexander M. et al. The mental health of Canadians with self-reported learning disabilities. **Journal of Learning Disabilities**, v. 42, n. 1, p. 24-40, 2009.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP FACULDADE DE CIÊNCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: As Emoções na Perspectiva de Pessoas com Deficiência Intelectual no Contexto de Residência Inclusiva

Pesquisador responsável – Isadora Tomaz Braga

Objetivos e Procedimentos da Pesquisa: Essa pesquisa tem como objetivo identificar a percepção e expressão das emoções de pessoas com deficiência intelectual e será realizada a partir da aplicação de um teste sociométrico baseado em fotos e uma entrevista semiestruturada com os participantes diretos um questionário de caracterização dos participantes, a ser aplicado com os responsáveis. A aplicação acontecerá em moradores da residência inclusiva de uma instituição não governamental. A coleta de dados contará com filmagens para facilitar o recolhimento dos dados.

Desconforto e Possíveis Riscos Associados à Pesquisa: Riscos mínimos: cansaço por participar das entrevistas, deslocamento entre ambiente da residência, constrangimento por ser filmado e deixar de se envolver em outras atividades dentro da residência.

Benefícios da Pesquisa: A identificação de emoções é um importante fator social para que haja interação de forma adequada com o ambiente, desta forma, a pesquisa contribuirá para a verificação deste fator em pessoas com deficiência intelectual.

Forma de Acompanhamento e Assistência: Por se tratar de uma entrevista que busca conhecer os aspectos significativos de sua experiência, caso alguma demanda psicológica existir será acolhido pela pesquisadora, que é psicóloga da instituição, durante a entrevista. Quando necessário, o participante poderá procurar a pesquisadora, Isadora Tomaz Braga, para esclarecer sobre as etapas de desenvolvimento da pesquisa, pelo telefone 14 997628128 ou ainda por e-mail: isadoratomazbraga@hotmail.com

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Em qualquer momento o participante poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e as formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar a participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: As identidades dos participantes serão mantidas em sigilo, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em quadros, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador do RG _____, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão de _____, como sujeito da pesquisa. Fui informado que esta pesquisa atende preceitos éticos dispostos na **Resolução CMS/CONEP 466/2012**, sobre pesquisas envolvendo seres humanos e que recebi cópia desse documento por mim assinado.

Data: ___/___/___

Assinatura:

Faculdade de Ciências – UNESP – Campus de Bauru
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa
Cep: 17033-360 – Bauru – SP
Fone: (14) 3103-6000
Fax: (14) 3103-6074

APÊNDICE B**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP****FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Caso o participante não possa ler será lido pelo pesquisador responsável.

Convido você para participar da pesquisa **“As Emoções na Perspectiva da Pessoa com Deficiência Intelectual no Contexto de Residência Inclusiva”**. Seus responsáveis permitiram que você participasse. Você não precisa participar se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será realizada a partir da aplicação de um teste de fotos e de uma entrevista individual e será realizada aqui na sua casa. Utilizaremos uma filmadora para registrar a sua participação. O uso de filmagem é comum em pesquisas. Não falaremos para ninguém que você está participando desse estudo. O que você me falar poderá ser publicado, porém sem dizer que é você. Essa pesquisa também está sendo feita com os outros meninos que você mora. Se você sentir vergonha ou quiser saber de mais alguma coisa, pode me perguntar, como você sabe, me chamo Isadora Tomaz Braga, e no momento estou fazendo essa atividade que faz parte do curso que eu frequento na Unesp de Bauru, meu telefone é (14) 997628128.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“As Emoções na Perspectiva de Pessoas com Deficiência Intelectual no Contexto de Residência Inclusiva”**. Entendi as tarefas que vou fazer, que posso desistir a qualquer momento, dizer que eu não quero mais e que ninguém vai ficar bravo comigo por causa disso. A pesquisadora tirou as minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento que li (ou me foi explicado com leitura) e concordo em participar da pesquisa.

Bauru, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Faculdade de Ciências – UNESP – Campus de Bauru
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa
Cep: 17033-360 – Bauru – SP
Fone: (14) 3103-6000
Fax: (14) 3103-6074

APÊNDICE C**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP****FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM****Questionário de Caracterização dos Participantes**

- 1) Dados do Responsável
- 2) Nome do Participante
- 3) Idade
- 4) Histórico da estrutura familiar
- 5) Escolaridade / Ocupação
- 6) Tempo de Residência
- 7) Histórico do diagnóstico
- 8) Você acredita que (nome do participante) consegue expressar suas emoções? Dê um exemplo.
- 9) Você acredita que (nome do participante) consegue identificar na face do outro padrões emocionais?

APÊNDICE D
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM

Teste Baseado em Fotografias

Foto gênero masculino 1: Tristeza

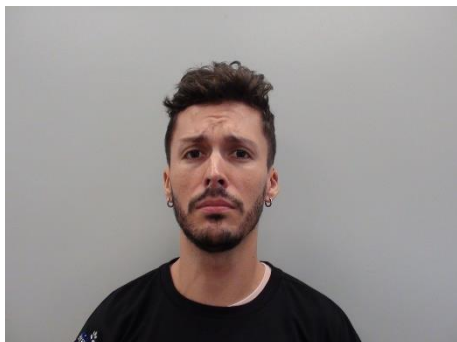


Foto gênero masculino 2: Alegria

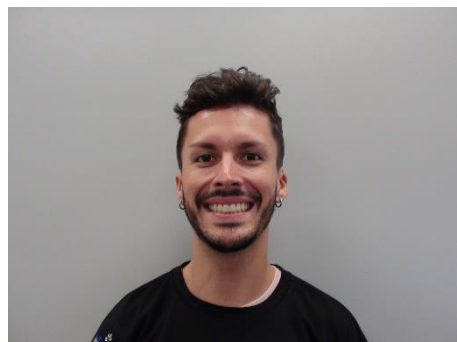


Foto gênero masculino 3: Raiva

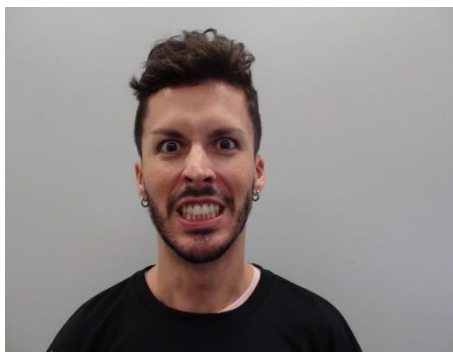


Foto gênero masculino 4: Medo

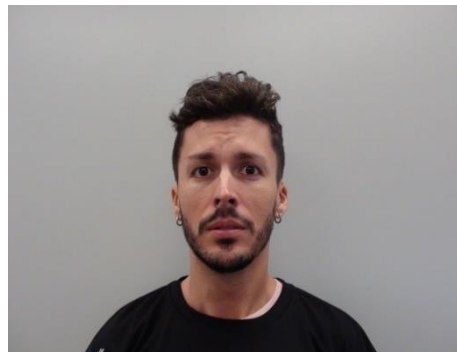


Foto gênero masculino 5: Nojo

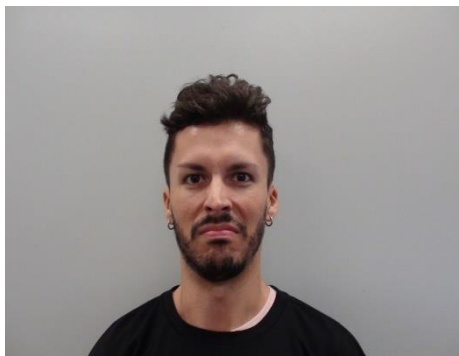


Foto gênero masculino 6: Surpresa

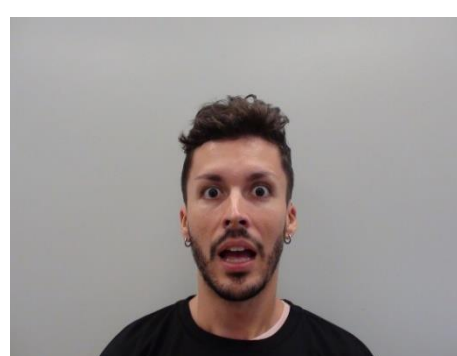


Foto gênero feminino 1: Tristeza

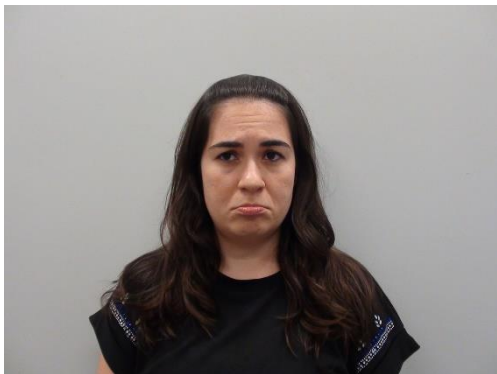


Foto gênero feminino 2: Alegria



Foto gênero feminino 3: Raiva

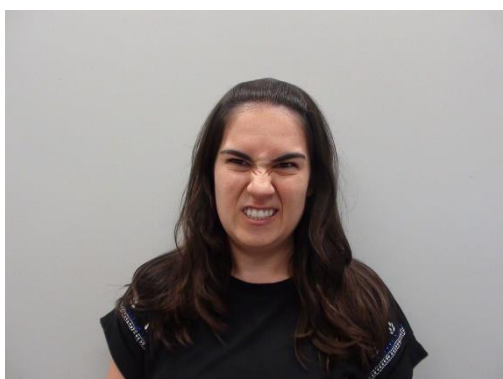


Foto gênero feminino 4: Medo

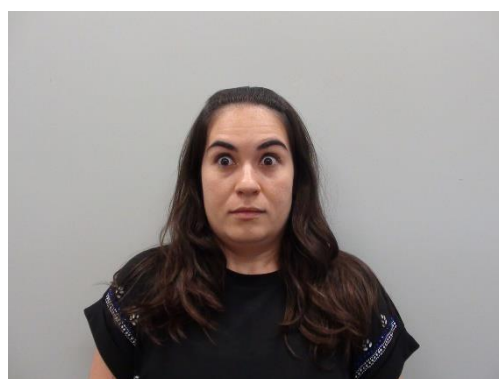


Foto gênero feminino 5: Nojo

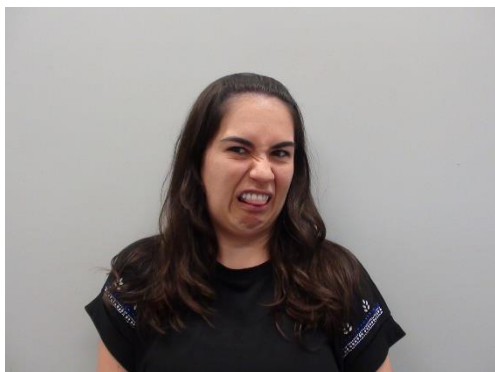
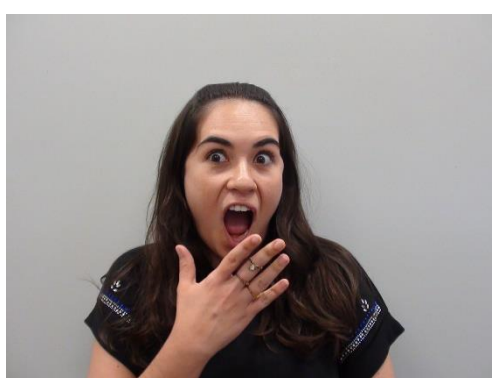


Foto gênero feminino 6: Surpresa



APÊNDICE E**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP****FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM****Roteiro de Entrevista Semiestruturada**

- 1) Identificação e nomeação das emoções:
 - O que é emoção para você?
 - Quais emoções você conhece?
 - Qual o nome dessa emoção?
 - Você já se sentiu assim?

- 2) Exposição a emoção:
 - Em que situação você se sentiu assim? (Quando? / Por que?)

APÊNDICE F
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM

Análise de Conteúdo - Tabulação das Respostas

Código	Sujeito	Idade	P1: O QUE É EMOÇÃO?
R1	Rafael	20	Emoção é que eu gosto de você
R2	Raul	23	Emoção, vamos supor que é quando eu to triste, vergonha.
R3	Rui	26	Emoções, é quando a gente curte com o outro, conversa com o outro, faz atividade, não só aqui em casa mas lá fora também...na empresa, no trabalho, conversa com os amigos, faz amizade e também coisa de um e do outro, é simples, se o cliente pedir para fazer, tem que fazer, se não fazer, tem que seguir a orientação do mercado.
R4	Romeu	27	Emoção é feliz. Chorar, dormir e acordar.
R5	Rubens	27	Emoção é quando que alguém está apaixonado, não é?
R6	Rodrigo	27	Emoção é quando eu vejo uma pessoa triste, chorando, pedindo ajuda e também quem tá com fome
R7	Rodolfo	32	Emoção é quando a gente vê que vai defender, que vai ajudar, que vai obedecer, que vai se emocionar
R8	Régis	36	Emoção é quando a pessoa tá emocionada, quando ela quer ganhar alguma coisa, quer arrumar uma namorada, muito emocionada naquela pessoa.
R9	Renan	38	Não sei não
R10	Ramiro	40	Emoção é encontrar a minha família
R11	Robson	45	É...emoção Ah...tudo de bom Lavar mão, secar, almoçar...
R12	Ronaldo	57	Emoção é...porque eu to afastado do serviço, o serviço lá... É porque, por causa da corona. Por isso que eu to aqui. Eu tava trabalhando ai me afastaram por causa da corona.